



X X X X X X

XONIN

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE
SUA FORMAÇÃO TERRITORIAL

Patrícia Falco Genovez

José Luiz Cazarotto

Maria Terezinha Bretas Vilarino

PATRÍCIA FALCO GENOVEZ
JOSÉ LUIZ CAZAROTTO
MARIA TEREZINHA BRETAS VILARINO

XONIN

MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE SUA
FORMAÇÃO TERRITORIAL

Governador Valadares
2020



FICHA TÉCNICA:

Capa, projeto gráfico e edição
Patrícia Falco Genovez

Realização



Financiamento



FICHA CATALOGRÁFICA - Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

G335 Genovez, Patrícia Falco
981.51 Xonin : memórias e histórias de sua formação territorial /
Patrícia Falco Genovez, José Luiz Cazarotto e Maria Terezinha
Bretas Vilarino. — Governador Valadares : Univale, 2020.
99 p. : il.

ISBN 978-65-87227-04-7

1. Xonin (MG) – História. 2. Cidades e vilas – Minas Gerais – História. I. Cazarotto, José Luiz. II. Vilarino, Maria Terezinha Bretas. III. Título.

FUNDAÇÃO PERCIVAL FARQUHAR

PRESIDENTE

Rômulo César Leite Coelho

DIRETORA EXECUTIVA

Aniela Castello Branco de Paula Barbalho

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE

REITORA

Lissandra Lopes Coelho Rocha

PRÓ-REITORA ACADÊMICA (PROACAD)

Kíssila Zacche Lopes de Andrade

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

Adriana de Oliveira Leite Coelho

ASSESSORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (APPG)

Elaine Toledo Pitanga Fernandes

ASSESSORA DE GRADUAÇÃO (ASGRAD)

Viviane Carvalho Fernandes

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Haruf Salmen Espindola

COORDENADORA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ilara Rebeca Duran

COORDENADOR DO CURSO DE DESIGN

Elton Frederico Binda de Castro



SUMÁRIO

Apresentação	07
Breve relato do surgimento de Xonin	09
Terra, ah meu pedacinho de terra!	15
A formação da vila e seus contatos	20
Da fogueira à festa	23
Tocando a vida em frente	25
Xonin começa a ter vida própria	28
Quem morava em Xonin na metade do século passado?	32
A administração da vida e seu povo	34
A vida na sociedade em Xonin	35
A vida do dia a dia	40
A chegada da tecnologia	44
As condições de saúde	49
As condições educacionais	51
Aspectos geográficos	52
Xonin na última década	57
Economia Local	58
Ambiente e qualidade de vida	58
Infraestrutura e serviços	59
Expectativas dos moradores	60
As comunidades rurais existentes em Xonin	62
Córrego Cabeceira do Burgre	63
Córrego São Gabriel	63
Assentamento Joaquim Nicolau	64
Golconda	65

Xonin a partir de seus moradores	67
Lá vem Deodoro!	68
E o Floriano acaba de chegar...	72
Aqui começa a roda de conversa com a Prudentina	73
Conversa com Zé dos Campos debaixo da mangueira	77
Bate papo na cozinha da Rodriguina	79
Tomando um café com o seu Afonso	80
Seu Nilo recebe a gente em frente à sua casa	81
Hermenelina: ouvindo histórias na calçada	83
Venceslina prepara um café com torradas	84
Rodrigão conta sua história no seu sofá preferido	88
Epitacina nos dá uma aula sobre Xonin	91
Arthur conta sua história sentado na varanda	93
Washington conta suas histórias dramáticas	95
Getulina e a sua fala mansa de peregrina	97



APRESENTAÇÃO

Esse livro sobre Xonin foi elaborado a partir de três referências: um relatório produzido por um antropólogo canadense em 1952; um levantamento feito pelo Centro Agroecológico Tamanduá (CAT) e história contadas pelos moradores locais.



O relatório foi escrito por Kalervo Oberg que esteve em Xonin entre os anos de 1950 e 1952. Ele foi contratado para escrever sobre os resultados dos serviços prestados pelo SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). Kalervo observou a comunidade de Xonin em vários aspectos. Esse material foi escrito em inglês e foi guardado na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Outra referência importante para a elaboração desse livro foi o levantamento produzido pelo CAT. A partir desse material podemos indicar alguns aspectos atuais do distrito.

Na terceira parte do livro, colocamos a história dos antigos moradores do distrito que nos foi contada a partir de entrevistas. A partir delas descobrimos vários elementos do cotidiano daqueles que viveram em Xonin desde as décadas de 1940 e 1950...

Mais do que contar a história de Xonin, esse livro tem o compromisso de resgatar sua formação histórica e a memória de seus moradores, reafirmando seus laços identitários e garantindo o direito a preservação dos valores e da cultura local.

Nesse sentido, esclarecemos que adotamos a grafia do Distrito escrito com "X" e não com "Ch". Em 2010 um grupo de moradores fez um movimento expressando a preferência pela grafia "Xonin" em respeito a origem indígena do nome do Distrito.

Por fim, agradecemos a todos que aceitaram participar dessa pesquisa e desejamos que esse material sirva de ponto inicial para um movimento maior, onde cada morador se reconheça enquanto guardião da história e das memórias do distrito. E, esperamos que esse esforço se estenda para as rodas de conversa nas praças e calçadas; assim como para as escolas para que a essas histórias contadas aqui se somem tantas outras que ainda não foram ouvidas!

Patrícia Falco Genovez

José Luiz Cazarotto

Maria Terezinha Bretas Vilarino



BREVE RELATO DO SURGIMENTO DE XONIN

O Distrito de Xonin não caiu do céu pronto, ele começou há mais de 120 anos. Os primeiros moradores vieram para cá abrindo trilhas no meio da mata e provavelmente andando a pé ou a cavalo. Do primeiro grupo, os que tiveram mais sorte vieram em cima de uma carroça. Não havia casas, não havia estradas e nem animais domésticos. Apenas alguns índios viviam dispersos na região. O que os primeiros moradores encontraram foi muitos animais selvagem e uma floresta imensa.



Marcelino Cunha
Acervo: Fábio Persi

O primeiro passo da vila foi a abertura de uma clareira no meio da mata. Foi assim que aquelas pessoas fizeram os primeiros barracos do jeito que dava. O lugar precisava de muitas coisas, e por isso as pessoas se uniram e abriram uma estrada para Itambacuri que já existia desde 1873; a cidade de Governador Valadares nem existia.

Depois de 60 anos da chegada destes pioneiros, já nos anos de 1950, uma pessoa que estudava os costumes das pessoas que viviam no interior do Brasil, passou por aqui e descreveu o modo como a gente daqui vivia então. A descrição que ele fez deixa claro que os moradores que chegaram aqui em 1895 não viviam muito diferentes dos de 1950. Muitas coisas, claro, mudaram, mas muitas não. Este estudioso tinha um nome estranho: Kalervo Oberg. A vida dele é um pouco uma "aventura" como o nome dele mostra: os pais dele eram finlandeses, que migraram para o Canadá onde ele nasceu; depois ele estudou nos Estados e passou a trabalhar para o Governo dos Estados Unidos e por isso ele veio para o Brasil, e dentre os diversos lugares onde ele esteve temos Xonin. Aqui ele observou como as pessoas viviam no seu dia a dia: o que comiam, como se vestiam, como tratavam as doenças, como faziam festas e coisas assim. Ler e aprender sobre estas coisas do passado é importante para podermos compreender tanto o que daquelas coisas ainda continuam acontecendo e também para compreender as mudanças que vieram com o tempo e o "progresso".

Para entramos nesta aventura, vamos de início, ler o que o neto do fundador de Xonin, escreveu contando "os inícios".

Marcelino José da Cunha, talentoso e ainda jovem com os seus 49 anos, corajoso, mas pobre, vivia em Guanhães com a sua esposa e 13 filhos (6 rapazes e 7 moças). Durante algum tempo ele esteve pensando num lugar onde ele pudesse estabelecer uma fazenda sólida que mais tarde pudesse dar alguma segurança para os seus filhos. Mas como? Em Guanhães isto não era mais possível. Somente no mato os seus desejos poderiam se realizar; o seu ideal poderia ali ser realizado. Mas a floresta? A malária? Só de falar isto já causava um horror.

As pessoas em Guanhães diziam que ele estava meio louco para querer ir morar no mato. Mas nada atemorizou Marcelino. Cheio de energia e fé em Deus, ele tomou a decisão de ir. Isto foi no ano de 1895, ele saiu em busca da sua terra dos sonhos apesar de todas as dificuldades que ele já esperava encontrar. Depois de reunir os suprimentos e carregar nos animais ele tomou o caminho de Peganha e de Coroaci, viajando por três longos dias pelas piores estradas, morro acima e abaixo, até encontrar as famosas montanhas da Escadinha, que foram seguidas ao longo de 15 km, uma distância onde não se encontrou mais água. As longas estradas sem uso estavam cobertas por bambus espinhentos até ao ponto de em alguns lugares se terem tornado impenetráveis.

Mas nada assustou Marcelino que foi adiante corajosamente até que finalmente chegou a um desacampado cercado por uma densa floresta virgem. Um grande número de animais foi encontrado ali, tais como o tapir, a capivara, o veado, os porcos do mato, a paca, a cotia, vários tipos de macacos, onças, tamanduá e muitos outros. Entre os pássaros foram encontrados o mutum, a arara, o jacu, a jacutinga, o macuco, o jaó e outros. Existiam ainda alguns índios selvagens vivendo na área. O solo fértil estava coberto por uma valiosa madeira de lei em pé, e estas árvores eram as mais comuns: peroba, ipês, sapucaieiras, baraúnas, bálsamos, cedros, itapicurus e um grande número de outras.

Foi ali então que Marcelino encontrou o lugar dos seus sonhos. Existiam já umas poucas casas na área, ocupadas por moradores que cultivavam pequenas áreas de terra. Estes tinham vindo de Governador Valadares (na época ainda um povoado conhecido

como Santo Antônio do Porto de Figueira). Uma pequena área foi deixada de lado para a igreja de Nossa Senhora da Piedade. Marcelino comprou as pequenas propriedades dos roceiros e garantiu a sua cooperação no estabelecimento de sua grande fazenda. Foi dado o nome à fazenda de Bom Retiro de Chonim.

Um dos chefes indígenas, que anteriormente ocupara este vale, se chamava Choni, e a partir disto a fazenda e depois a vila receberam o seu nome. Pouco mais tarde, irmãos e primos de Marcelino vieram e assumiram as terras próximas da fazenda. Entre estes estavam Zeferino José da Cunha, Antônio Gonçalves da Cunha, Domingos Fernandes da Cunha, Cesário e Eduardo da Cunha.

Apesar de Marcelino ter comprado as pequenas propriedades dos camponeses, ele permitiu que eles continuassem a viver e a trabalhar em suas antigas propriedades. Por isso, Marcelino se tornou meio Moisés, que sabia conduzir o seu povo com toda a humildade. Como estas pessoas e os seus filhos eram analfabetos ele até mesmo fundou uma pequena escola primária para eles.

A população cresceu, mas não havia progresso, e para se conseguir suprimentos de Peçanha, uns 90 km de distância, era coisa muito difícil naquelas trilhas miseráveis. Lá eles compravam sal, tecidos, pólvora, instrumentos para o trabalho na roça e medicamentos a preços muito altos. Existia uma outra possibilidade, especialmente, descendo o rio Doce com canoas até o Espírito Santo, mas neste caso tratava-se de uma longa jornada. Seguindo as trilhas ao longo do rio, tropas de mulas e o gado eram levados a Vitória, no Espírito Santo, mas esta era

uma empresa perigosa uma vez que os assaltantes atacavam as tropas quando elas voltavam. Marcelino ouviu falar de Teófilo Otoni, 150 km adiante, onde os suprimentos seriam mais baratos. Ele decidiu ir para lá, sendo que 90 km eram através da mata virgem. Ele recebeu alguma ajuda de alguns homens de Itambacuri e arcando com os custos, ele equipou uma tropa e iniciou a aventura em outubro de 1898. Depois de 21 km eles chegaram ao rio Suaçuí Grande. Ali eles acamparam a primeira noite ouvindo os sons da floresta. No dia seguinte, eles fizeram uma balsa de embaúba, e atravessaram o rio. Ali eles acamparam durante um longo tempo enquanto eles abriam o caminho. Outros acampamentos foram feitos e finalmente eles encontraram um outro grupo que vinha trabalhando na abertura da estrada no sentido contrário, vindos de Itambacuri.

Uma festa celebrou o encontro. Desde aquele tempo, as pessoas passaram a comprar os seus suprimentos em Teófilo Otoni. Marcelino separara um pedaço de terra para uma capela e pediu aos padres uma imagem de Nossa Senhora. Esta capela foi mais tarde construída onde a igreja está hoje (igrejinha antiga). Marcelino, devido às dificuldades na construção de caminhos e trilhas e por outros trabalhos, pegou a malária.

Sabendo que chegara a sua hora e pensando em seu povo como se fosse um rebanho de Deus, ele tinha que decidir quem seria o seu sucessor, um que pudesse levar adiante a missão de desbravar a terra. Esta tarefa foi dada ao seu genro e discípulo, Marçal Cyriaco da Silva. Esta foi, como se pôde ver, uma escolha abençoada. Ele deu conselhos a Marçal e pediu aos seus filhos (de Marcelino) que seguissem as ordens de Marçal e que ficassem unidos. Após isto, Marcelino, no dia 28 de novembro de 1899 restituiu a sua alma ao Criador com a idade de 54 anos.

Marçal Cyriaco da Silva estava agora no cargo sob a guia do exército de Nossa Senhora da Piedade (ele parece que sempre ouvia a voz de seu sogro). Os campos eram cultivados em comum bem como as pastagens para o gado. Certas áreas foram separadas para o plantio do milho, do arroz, da mandioca para se fazer farinha e amido; uma parte dos produtos era usada para alimentar os porcos. Plantou-se o algodão do qual se faziam as roupas usadas no trabalho. A terra era fértil e as colheitas muito boas. Marçal, obedecendo os desejos de seu padrinho, ordenou que se construísse uma capela no lugar escolhido pelo seu sogro, e onde uma cruz fora erguida em honra de Marcelino. Ele ainda se lembrou da intenção de formar o patrimônio de Nossa Senhora da Piedade de Chonim.

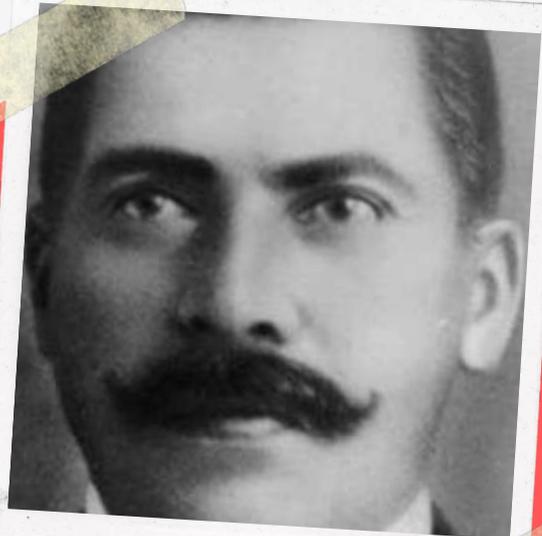
Ao longo dos anos, Marcelino da Cunha e os seus irmãos e primos se multiplicaram e formaram outras fazendas, mas nenhum se separou do rebanho. Marçal ampliou a capela e como o número das crianças aumentou ele estabeleceu uma escola estadual em outubro de 1922. Como agradecimento por ele ter conseguido a escola, o povo o elegeu mais tarde para vereador para a câmara municipal de Figueira (agora conhecida como Governador Valadares).

Já em 1912, Marçal formou uma banda através da compra de 12 instrumentos e pela contratação de um professor. Mas tarde esta banda trouxe alegria para a vila tocando tanto músicas populares como religiosas. A capela foi ampliada e ornamentada. Marçal mais tarde foi indicado como o terceiro juiz de paz em Peçanha. Então Marçal começou as tratativas no sentido de que Chonim viesse a ser separado como um distrito. Com grande alegria, ele conseguiu isto em 1924.



TERRA, AH MEU PEDACINHO DE TERRA!

De acordo com Kalervo, o motivo da movimentação de gente para Xonin em 1895 foi busca por terras férteis. Mas aqui temos diversas questões. Por que as pessoas deixavam os lugares onde moravam e bem ou mal se sentiam em casa; por que se despediam dos parentes às vezes para sempre e nunca mais voltariam a vê-los; por que se separavam da vizinhança com quem tinham amizade e se sentiam seguros e iam embora; e por que se separavam de diversas outras familiaridades e se embrenhavam mundo a fora em busca de uma terrinha? Além disto, esta "mudança" não tinha nenhuma garantia de sucesso. Até o próprio leitor pode imaginar isso.



Margal Ciríaco da Silva
Acervo: Fábio Persi

Imagine você deixar tudo e ir pelo mundo a fora sem nenhuma garantia! Por que alguém faria isso?

O próprio neto do fundador de Xonin, na sua da "memória" que vimos acima busca dar uma resposta. Marcelino tinha um sonho de ter uma terra para si e para os seus filhos. Somente no mato os seus desejos poderiam se realizar; o seu ideal poderia ali ser realizado. Mas a floresta? A malária? Só de falar isto já causava um horror. Este "movimento" de saída na forma de aventura precisa ser melhor explicado e eles tinham consciência de que não estavam indo para um Paraíso; estavam indo para um campo de suor e também lágrimas.

Um ponto de partida para se compreender a atitude de Marcelino pode ser que ele não via futuro ali onde morava em Guanhães. E mais, talvez ele visse que cada vez mais ele ficava mais pobre e os seus filhos sem um futuro seguro. Então, uma primeira coisa que estas pessoas tinham em mente - ele não migrou sozinho - é aventurar-se: inventar um futuro e não simplesmente ficar repetindo o passado. E para isto precisam de coragem e mesmo de fé, mas certamente, precisavam ser um grupo, uma comunidade, uma família. Nós mesmos já vimos amigos nossos que fizeram isso: migraram para ter um futuro melhor. Por exemplo, se alguém muda para São Paulo, ele não vai sem nenhuma garantia. Ele tem conhecidos que fizeram isso; lá em São Paulo ele tem parentes que podem acolhê-lo. Em outras palavras, ele não tira o pé do chão sem ter certeza de onde vai colocá-lo. Ninguém anda com os dois pés no ar. E, claro, uma boa dose de sonho, de ideal.

Um segundo ponto também merece a nossa atenção. Por que a terra era tão importante para eles? Esta história vem de muito longe. O ser humano não só se relaciona com a terra para obter mantimentos para viver tais como comida, madeira para construir a casa, etc. A terra é para ele algo que faz parte

de sua identidade. Todos nós temos em nossa carteira de Identidade o nome do lugar onde nascemos. Por mais que viajemos, moremos fora de nossa "terrinha" é sempre ali que é o nosso ponto de partida. Nunca saímos do nada estamos ou saímos de um lugar.

Além disso, especialmente no Brasil, muitas pessoas incluem em sua identidade as suas propriedades. Muitos se acham importantes porque têm grandes propriedades. Um exemplo disso é o que temos na história da Inglaterra e seu Governo. Ali temos a Câmara dos Lords era formada por proprietários de terras e o cargo era vitalício. Já a outra é a Câmara dos Comuns - esses eleitos como representantes do povo. Isso também ocorreu no Brasil: só poderiam votar e ser eleitos os proprietários de terra num determinado momento de nossa história.

Isto influenciou também no modo como as pessoas se valorizam ou se desvalorizam. Conhecemos até o ditado: é tão pobre que nem tem onde cair morto. Por isso, um "chefe" de família daqueles tempos deveria buscar ter uma "fazenda". E foi o que Marcelino fez. Ter um lugar que poderia chamar de seu.

O modo como ele fez isso é interessante. Nesta região de Minas Gerais havia grande extensão de terras que eram chamadas de "terras devolutas". Isto quer dizer, que estas terras foram durante um tempo na história, terra de alguém. A história da terra no Brasil sempre foi uma história de conflitos e nem sempre é fácil compreender. Ainda que a posse sempre fosse do Governo - de Portugal ou do Brasil - houve várias tentativas de fazer com que elas fossem usadas. A primeira tentativa, o

Leitor deve lembrar, foram as das Capitânicas Hereditárias lá no final dos anos 1500. Foram "doadas" pelo rei a pessoas interessadas em "promover o progresso". Elas não tiveram sucesso. Depois disso vieram as "sesmarias" já dentro da administração do Governo Geral no Brasil. Isto é uma história até emocionante, mas nos desviaria do que queremos. O que importa é que aqui havia muitas terras chamadas de "devolutas", que quer dizer: devolvidas. Elas já tinham pertencido a alguém, mas as devolveu ao Governo. Agora o Governo concedia o título de propriedade a quem as demarcasse, pagasse os impostos e usasse as terras. Foi assim que fez Marcelino; passando pela serra da Escadinha nos sertões da Peganha, escolheu um "pedaço" de terra e disse: esse é meu chão. Depois, naturalmente, ele legalizou e passou a pagar impostos. Ainda hoje em termos legais, é dono da terra quem paga os impostos sobre ela.

Mas isso não é tudo. Temos ainda dois aspectos a serem considerados para se compreender esta "aventura" dos Cunha. Primeiro: por que queriam matas virgens? Por que vieram para um lugar tão distante? Quanto à localização, certamente essa está ligada ao fato de as terras devolutas mais próximas de lugares habitados já estavam na mão de alguém. Então ele teve que ir para o "sertão"; e foi o que ele fez.

O leitor deve se perguntar: por que quando olhamos ao redor de Xonin, não vemos mais mata alguma e somente pastagens e somente nos vales temos algumas plantações? Por que as matas estavam cada vez mais longe, mesmo no século XIX? Primeiro, devemos ter em mente que a agricultura apesar de existir por milhares de anos, ela ainda era uma prática bastante simples

entre os brasileiros de então. Eles não lidavam com adubos e mesmo o arado era coisa rara. Kalervo mesmo afirma que até os anos 1950, praticamente todos os arados no Brasil estavam de São Paulo para o Sul. Por que isso é importante: porque uma junta de bois pode substituir a força de 16 homens isto faz a diferença no trato do solo.

O sistema usado naquela época era o da coivara, ou também chamada de "agricultura itinerante". Como funcionava? Derrubava-se a mata, queimava-se tudo e plantava-se; esta queima praticamente acabava com a fertilidade do solo. Este sistema mantém uma fertilidade natural por no máximo três anos e depois disso ou vira mata novamente - naturalmente muito lentamente - ou vira pastagem. É o que vemos olhando ao redor do Distrito e por grande parte do Vale do Rio Doce.

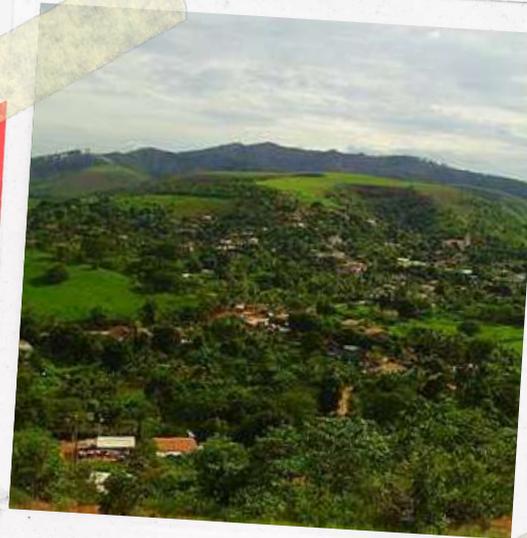
Neste processo, o solo deixa de ser fértil em pouco tempo e a solução é voltar-se de novo para a mata e começar de novo este processo e é por isso que se chama de "Agricultura Itinerante" não é só o camponês de migra, mas também o campo cultivado. Assim, compreende-se que as matas foram ficando cada vez mais longe das áreas habitadas. Quanto Marcelino chegou aqui em 1895, a cidade de Governador Valadares nem existia e Pegaonha era muito longe, cerca de 90 quilômetros e o lugar mais próximo era Itambacuri que também não era ali atrás do morro. Mas não tinha estrada para lá.



A FORMAÇÃO DA VILA E SEUS CONTATOS

Nem sempre as vilas surgem da forma como aconteceu com Xonin. No mais das vezes elas surgem em lugares de parada de tropas, algum tipo de produção mineral – como foi o caso do ouro em Minas Gerais – ou lugar de produção agrícola como o açúcar, café, engenhos, serrarias, etc. No caso de Xonin, o Distrito na realidade surge na forma de um “patrimônio”. O proprietário da terra “reservou” um espaço que

não seria usado para fins agrícolas. Nele seria formada uma vila onde os trabalhadores da fazenda poderiam construir suas casas e morar; onde se reservaria espaços para a igreja, escola, correios, etc. Claro, na medida em que o Distrito crescesse, outros espaços poderiam ser necessários. E provavelmente, a “cidade” iria ocupar os espaços das pastagens. Podemos até dizer que Xonin foi um “cidade” planejada.



Vista parcial de Xonin
Acervo: Fábio Persi

A partir da chegada da família do Marcelino pelo menos três assuntos deveriam ser tratados. Primeiro, o que fazer com as pessoas que já moravam na "área demarcada"? Segundo, como lidar com o comércio para vender o que se produz e comprar o que se necessita? Como planejar o crescimento da população que fosse necessária para os trabalhos?

Em termos de gente, o primeiro grupo a chegar a Xonin foram na verdade os índios que moravam ali há séculos. Quanto à população de caboclos, não se tem informação clara. Se valorizamos e focalizamos os "fundadores", então temos que a família dos Cunha chegou em 1895 e a dos Penna em 1937. Mas se o crescimento da população dependia só dessas famílias, ela cresceria bem lentamente. Devemos sempre lembrar que a mortalidade infantil e as dificuldades para tratamento médico naquelas situações era algo muito sério.

Os moradores que já estavam ali - como relata o neto de Marcelino - foram "integrados" como trabalhadores seja na forma de arrendatários seja na forma de colaboradores. Como eles não tinham título de posse das terras que eles cultivavam, elas simplesmente passaram a fazer parte das fazendas demarcadas e legalizadas. Um aspecto que merece a atenção é a questão da comunicação. As estradas não eram grande coisa e os lugares de comércio mais próximos eram na realidade tudo, menos próximos. Veja-se que o relato acima fala de comerciar com o Espírito Santo, isto é, descer todo o rio Doce de canoa e voltar. Isso era coisa para semanas senão meses. Por isso, abrir uma estrada de dezenas de quilômetros na mata para chegar a Itambacuri pareceu a saída mais fácil. Como vimos, ela foi feita em duas frentes: uma vindo de Itambacuri e outra indo de Xonin

que se encontraram nas margens do rio Suaçuí-Grande. Este encontro mereceu, como vimos, uma festa afinal significava que eles poderiam viver em Xonin produzindo produtos da fazenda e comprando em Itambacuri ou Teófilo Otoni o que eles precisassem.

Kalervo chama a atenção de que o fato de todos serem da mesma família pode ter ajudado na formação de um grupo de pessoas que de boa vontade cooperava para atividades que interessavam a todos e uma delas certamente era a abertura e manutenção de estradas. Junto com isto, certamente foram formadas tropas de mulas para o deslocamento dos produtos.

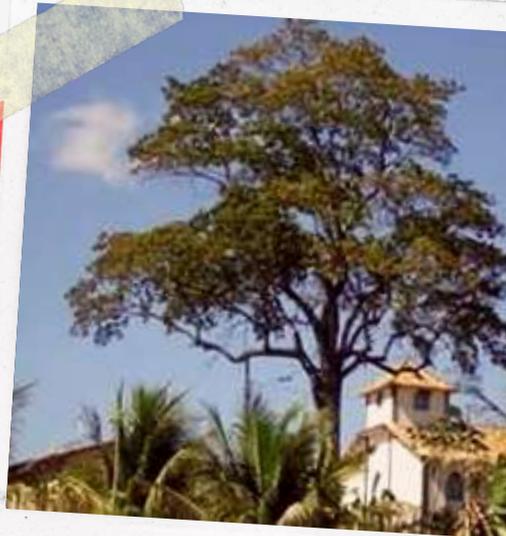


DA FOGUEIRA À FESTA

Vamos dar um passo atrás no tempo e imaginar o dia da chegada. Todos se aproximaram de um descampado – ou de uma clareira na mata – foram descarregando os burros, as carroças, os cavalos. Estavam mortos de cansados pelos três dias e três noites que passaram nas estradas e abrindo picadas que tiveram que fazer com foice, facão e machado. Certamente,

eles pararam perto de uma fonte, de um riacho, de um lugar com água. Reuniram um pouco de lenha e fizeram uma fogueira que era o melhor modo de espantar as onças ou outros animais perigosos que rondavam na noite daqueles tempos bravios. Prepararam do jeito que dava alguma coisa para comer.

As mulheres cuidavam das crianças que naturalmente, choravam naquela noite escura e cheia de sons estranhos vindos da floresta. Não devemos achar que uma viagem desta era uma viagem de turismo: era uma aventura onde o risco de vida estava presente.



Vista da antiga Peroba
Acervo: Fábio Persi

Especialmente as mulheres devem ter pensado: se uma criança ficar doente, onde é que vamos levar para ser atendida? Os homens, por mais animados que fossem, devem ter pensado: trouxemos sementes de feijão, de milho, ramas de mandioca, mas... tudo isso é semente e não produto. "Milho verde só daqui três meses se tudo der certo...". Claro, nesta hora, sempre temos os mais animados: "Calma gente, tem muita caça no mato e de fome não vamos morrer...".

Marcelino certamente sentiu o peso da responsabilidade. Olhando para a sua família e seus parentes deve ter sentido que o peso sobre os seus ombros era grande. Ajoelhou-se no chão, no meio da mata e agradeceu aos céus que a viagem dera certo e que todos estavam bem e pediu que no futuro todos se entendessem e pudessem viver em paz e com saúde e se desse, também prosperidade. Neste lugar, ou perto deste lugar, eles passaram a agradecer a Deus pelas suas vidas e por tudo de bom que acontecia e pediam proteção para aquilo que não tinham forças para enfrentar. Ali, logo depois foi reservado um terreninho para uma igreja que logo foi construída e está de pé até hoje. Com o passar dos anos e todos os anos, celebravam uma festa bem animada. Certamente, os mais velhos contavam para os mais novos como é que foi a viagem desde Guanhães e como teriam sido protegidos pela Nossa Senhora da Piedade.

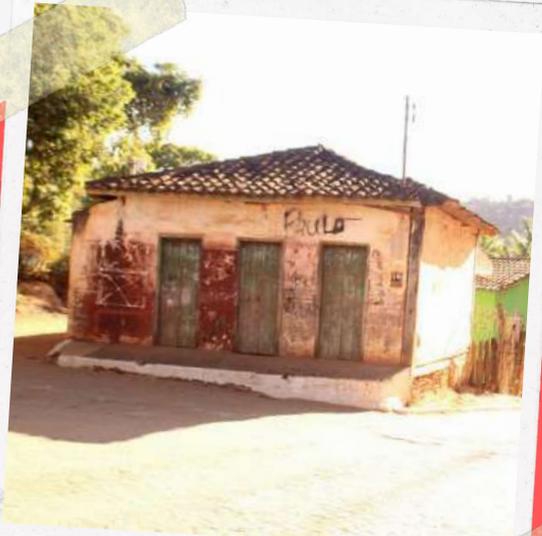


TOCANDO A VIDA EM FRENTE

A primeira preocupação de um novo assentamento era a de limpar a área para o plantio e para as pastagens dos animais domésticos. A segunda era produzir algo para vender e buscar por um mercado o mais perto possível onde estes produtos poderiam ser vendidos e comprar os suprimentos a preços razoáveis.

Isto, por sua vez, requeria cada vez mais caminhos em maior quantidade e de melhor qualidade que levassem a estes centros. Por isso, como vimos acima, a tarefa do caminho foi tão importante. Sem estes caminhos, nada poderia ser feito.

Vemos, com isto, que os primeiros moradores de Xonin, logo de início, fizeram estradas para os centros urbanos onde o sal, os remédios, o vestuário, a pólvora e instrumentos de metal poderiam ser comprados. Com isto, desde o início os moradores, unidos em grande parte devido a laços de sangue, estavam até certo ponto unidos também em termos econômicos a outros



Antiga venda do Distrito
Acervo: Kelly Castro

centros habitados mais antigos aos arredores. Não podemos, então, falar de isolamento completo. Os laços iniciais com áreas habitadas foram com Itambacuri que existia desde 1873 e com Teófilo Otoni que apesar de ser uma área percorrida por aventureiros desde o século XVI, fora fundada em 1853. Marcelino deve ter exclamado chegando a estas cidades: "estamos salvos".

Quanto às construções, certamente uma sede da fazenda foi pensada e construída e também casas para os filhos, empregados e todos os que moravam e trabalhavam por aí. Com o crescimento da população, um bom número de moradias se espalhou no território do distrito, ou naquele espaço que acima chamados de "patrimônio". Espaços comunitários também foram pensados. A necessidade de um centro social para a população era inevitável e é interessante observar a sequência no tempo como estes "serviços" foram crescendo.

O primeiro a aparecer foi um centro do ritual religioso já em 1902, isto é, sete anos depois da chegada. Uma capela foi construída e um espaço sagrado foi demarcado para os enterros. A capela servia para os batizados, para os casamentos e para as celebrações religiosas, mas especialmente para as festas.

Iniciando em 1910, pequenas lojas começam a aparecer oferecendo à comunidade tecidos, sal, instrumentos de trabalho e outras coisas de primeira necessidade. Podemos, então, falar de um centro comercial no âmbito do Distrito para onde os camponeses e fazendeiros traziam ovos, legumes e outros produtos para vender. As trocas eram sempre em dinheiro.

Estas transações comerciais intracomunitárias, entretanto, estavam intimamente conectadas com o que os fazendeiros ou camponeses comerciavam no centro maior em crescimento que era Figueira (futura Governador Valadares). Devemos lembrar que em 1910, a Estrada de Ferro Vitória-Minas chegava ao Distrito de Figueira, então pertencente ao município de Peçanha.

A principal renda em dinheiro das transações vinha da venda de gado, milho, feijão, cachaça e açúcar mascavo que eles levavam e vendiam em Figueira ou da venda aos compradores que iam a Xonin. Devemos ainda acrescentar a venda de madeira que era um modo de conseguir algum ganho fora das atividades da fazenda. Os grandes negócios eram feitos, ao que parece, em Figueira segundo o relato de Kalervo. Realmente, apesar de terem construído a estrada para o norte, na direção de Teófilo Otoni, passando por Itambacuri, a vocação comercial voltou-se para o sul, isto é, na direção da Estrada de Ferro.

Essas vendas eram feitas quando se acumulavam produtos em grande quantidade para carregar uma tropa de muitas mulas e levar uma pequena manada de gado; isto contrasta claramente com as compras e vendas dos domingos nas lojas locais em Xonin consistindo basicamente de pequenas coisas e cachaça. Ainda na década de 1950, estes mesmos procedimentos de muitos anos atrás estavam presentes.



XONIN COMEÇA A TER VIDA PRÓPRIA

Junto com as lojas, apareceram os artesãos, tais como os alfaiates, os ferreiros, os carpinteiros e os fabricantes de vasos que buscavam satisfazer as necessidades locais nestes aspectos. Mas antes disso, vamos olhar para as mudanças que foram acontecendo dentro das

casas, nas vidas das pessoas. Quanto eles chegaram em 1895, certamente trouxeram algumas coisas de Guanhães, mas com o tempo e com as novidades, a vida nas casas - seja na sede da Fazenda seja nas casas das pessoas mais pobres - foi se modificando. Aqui vale a pena olhar para trás e ver como era simples a vida dos que chegaram em 1895, e como permanecia ainda simples 60 anos depois. O mesmo não podemos mais dizer dos últimos 70 anos: o leitor poderia se perguntar o que em sua casa lembra 1950 e mesmo 1895. Provavelmente a maior parte das coisas que temos em casa são dos últimos 30 anos.



Banda de Música do Distrito
Acervo: Fábio Persi

Mas em nossa linha do tempo, depois da igrejinha de 1902, e dos estabelecimentos de lojas, botecos e tudo o mais. Em 1922, foi estabelecida uma escola estadual em Xonin, fazendo dele um centro educacional primário. Em 1923, a vila se tornou um centro político com o estabelecimento do Distrito de Xonin. Isto implicava a existência de um cartório para o registro dos nascimentos, dos óbitos e dos casamentos, a presença de um chefe político e de um juiz de paz. Logo estaremos comemorando 100 anos do Distrito. Isso tem um significado muito grande: os moradores não ficaram isolados e além da comunicação comercial, souberam tecer também a comunicação cultural com a educação e a política com a elevação ao grau de Distrito.

Com o aumento de movimento de produtos, os proprietários de mulas e bois estabeleceram-se como transportadores de produtos entre Xonin e outros centros habitados no distrito e mesmo alguns lugares fora do mesmo. Na década de 1950, apareceram dois ou três caminhões que transportavam os produtos e as pessoas. Com isto, Xonin passou a ser, ainda que em pequena escala, um centro de transporte. Para nós é até difícil pensar o significado disso: um caminhão é na realidade rural uma revolução. Naquelas estradas, o caminhão não andava mais que 40 quilômetros por hora, mas mesmo assim, ele poderia fazer os 36 quilômetros até Figueira em uma hora e meia quem sabe duas. Uma tropa de mulas levaria até dois dias, dependendo da carga. Um caminhão em Xonin significava que Governador Valadares passaria a ficar "ali atrás do morro"; tudo ficava mais perto. Era colocar Xonin no mapa do mundo. O leitor deve lembrar a preocupação das mães que sinalizamos acima: agora se uma criança ficasse doente, ela poderia ir de

caminhão até Figueira ou mesmo até Teófilo Otoni. A gente até pode rir disso, mas naqueles tempos isso era questão de vida ou morte.

Ao mesmo tempo, diaristas e arrendatários que trabalhavam nas fazendas tinham, em muitos casos, construído pequenas casas na vila onde eles podiam viver enquanto não estavam ocupados no trabalho do campo e durante este tempo os seus filhos podiam ir à escola. Com isto, Xonin se tornou também um centro de trabalhadores do campo.

Um vilarejo, por menor que seja, necessita também de meios de diversão. Em Xonin surgiram logo uma meia dúzia de bares, e num deles havia, na década de 1950, também uma mesa de sinuca que passou a concorrer com o baralho nas tardes do fim de semana. E já havia também algumas prostitutas.

No processo de crescimento, observamos também que a vila se tornou, primeiro, um centro de rituais com todas as atividades sendo centralizadas ao redor da igreja e das festas religiosas. Esta é, talvez, até a década de 1950, a maior atividade social considerada em si mesma, apesar de a região não ter sido ainda capaz de dar conta dos custos da presença permanente de um padre. Na festa era o momento em que todos se sentiam da mesma família; todos estavam de algum modo vinculados com aquele pequeno grupo que chegou em 1895.

A vida é comunidade, é trabalho, é diversão, mas não há vida sem saúde. Até 1951, quando apareceu o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), não havia nada funcionando em termos de serviços médicos no Distrito. Quanto a este "serviço" vale uma

observação: o leitor deve lembrar que o Marcelino ficava com muito medo só em lembrar que na floresta havia a malária e que isto poderia pôr a perder todo o seu projeto. O que valia para Marcelino valia para todos os demais fazendeiros. Tendo em vista a mineração e também o trabalho no campo e a vida nas cidades, o Governo nacional, nos anos 1940, promoveu este Serviço de Saúde para ajudar as populações rurais - e também urbanas - e viver uma vida mais saudável e isso dependia entre outras coisas, de uma vida com uma higiene mais adequada, com alimentação apropriada e com remédios e atendimento médico. A ideia neste sentido é que não há progresso sem trabalho e não há trabalho sem gente saudável. Até se dizia que havia sempre muitas crianças no sertão, mas nem todas se tornavam adultas; uma morriam por alguma doença e os adultos, nem sempre eram saudáveis devido à vida que levavam.

Kalervo chama a atenção de que a religião veio primeiro e a medicina foi a última em termos de um serviço social organizado, com a escola aparecendo 25 anos depois do assentamento com mais de 100 crianças esperando pela educação formal primária. Os tratamentos de saúde naqueles tempos além dos remédios caseiros, tinha também as rezas. Isto foi sempre muito misturado.



QUEM MORAVA EM XONIN NA METADE DO SÉCULO PASSADO?

Do ponto de vista dos grupos de pessoas morando em Xonin, temos primeiro de tudo, desde sua formação até a década de 1950, os fazendeiros (ou camponeses) que vivem espalhados pelo território do Distrito. Em alguns casos, eles são proprietários somente de uma parte das terras e se dizem donos de partes de outras terras que são devolutas ou não são claramente de alguém, e sobre essas não pagam impostos. Estes direitos de uso da terra são reconhecidos pelos proprietários vizinhos e pelo governo municipal. Esta população, isto é, a dos fazendeiros ou de camponeses é bastante estável, devido à existência de numerosas edificações de benfeitorias e por que não? também devido ao tipo de trabalho que exercem. Em outras palavras, devido ao fato de o número de pessoas que reivindicam ou usam terras ter gradualmente aumentado muitas das antigas famílias se mudaram para outros lugares ou os seus filhos se mudaram e o proprietário acabou vendendo a sua fazenda ou as benfeitorias feitas nas terras reivindicadas, à medida que foi envelhecendo.



Família de D. Maria Cunha
Acervo: Facebook Xonin

Um outro grupo da população é constituído pelos arrendatários e pelos trabalhadores do campo que mudam de um lugar para outro dependendo da situação. Esses eram em 1950, em sua grande maioria analfabetos, empobrecidos, negros ou pardos. É deste grupo que surgiram a maioria dos mineiros de mica e os que trabalham com madeira nas décadas de 1940 a 1960.

O terceiro estrato é constituído por lojistas, artesões e outros que oferecem serviços à população que trabalha na terra. Estas pessoas vivem na vila e talvez constituam a metade da população da vila de Xonin quando Kalervo fez o seu estudo.

Uma vila ou mesmo uma cidade, é como uma árvore: nasce pequena, cresce e estabiliza. Se não puder se renovar, ela definha e morre. Kalervo é de opinião que o modo como Xonin surgiu e cresceu só pode ser compreendido dentro do modo como a expansão populacional brasileira cresce e se movimenta. Praticamente desde o descobrimento as cidades estão ligadas a algum tipo de atividade: açúcar, ouro e diamantes, café, etc. Outras surgem também em função do comércio, da indústria e outros serviços como o turismo, a religião etc. Kalervo sustenta a ideia que a cultura - o modo de viver das pessoas - influencia muito no modo com uma cidade surge e se desenvolve. Se em vez de famílias de Guanhões tivessem vindo japoneses ou italianos, qual seria o futuro de Xonin? Entretanto, é o modo como as pessoas lidam com o seu ambiente, em primeiro lugar, que define o destino de uma vila, de um distrito, de uma cidade. Por mais riquezas naturais que possam existir, se destruirmos tudo e arrasamos deixando tudo um deserto, o destino da cidade será ser também ela um deserto.



A ADMINISTRAÇÃO DA VIDA E SEU POVO

Xonin tornou-se distrito de Peçanha, através da Lei Estadual n. 843 de 7 de Setembro de 1923. Pelo Decreto-Lei n. 32, de 31 de dezembro de 1937, Peçanha cedeu os distritos de Figueira e de Xonin para formação do território do Município de Figueira. Este recebeu, mais tarde, o nome de Governador Valadares, em homenagem ao governador da época Benedito Valadares Ribeiro.



Cartório Cunha (2007)
Acervo: Fábio Persi

O mesmo Decreto-Lei criou os distritos de Brejaubinha e Naque, tendo por sedes os povoados dos mesmos nomes que, com os distritos de Figueira (sede) e Xonin, passaram a constituir o novo município. Apesar de caminhar para os 136 anos de seu início, o território de Xonin apresenta-se com uma economia rural estagnada que pouco se diferencia de seu começo. No último Censo, o distrito contava com 1.976 habitantes sendo 982 homens e 994 mulheres (IBGE, 2010) e apresentava as seguintes comunidades rurais: Assentamento Joaquim Nicolau, Bugre, Golconda e São Gabriel. Como veremos abaixo, em 1950 havia mais gente morando em Xonin do que hoje.



A VIDA NA SOCIEDADE EM XONIN

O assentamento rural de Xonin se constituiu enquanto uma unidade geográfica natural e social que cresceu e amadureceu através de um processo de assentamento e das necessidades religiosas, sociais e econômicas dos assentados. Um exemplo de como um vilarejo cresce pode ser dado por uma casa de comércio. Alguém percebe que as pessoas precisam de material de higiene. Então ele abre um lojinha

pequena. Depois ele vê que as pessoas precisam também de querosene, velas, fósforos. E a loja aumenta a oferta. A partir de um outro momento, passa a vender também roupas feiras ou tecidos. Com o tempo, esta loja se torna uma venda. Assim, uma vila também vai se desdobrando na medida em que dá conta daquilo que as pessoas precisam para viver.

O assentamento como um todo, na década de 1950, tinha uma área de 154 km², dos quais, dois km² foram destinados as terras do patrimônio nas quais a vila (o atual Distrito) está localizada; o resto das terras compreendia terras de propriedades de fazendas ou de terras reclamadas como tais.



Escola Municipal das Lavras (1945)
Acervo: Fábio Persi

Em 1952, a vila tinha uma população de 636 pessoas (125 famílias) e a área rural circundante tinha uma população de 1.360 pessoas (236 famílias ou propriedades familiares). Somando tudo, temos 1996 pessoas, isto é, 20 pessoas a mais do que hoje, segundo o censo de 2017.

Apesar de a vila ser o foco do assentamento, a área rural, também tinha núcleos populacionais menores. As grandes fazendas com a família do proprietário, os parentes e os empregados constituíam núcleos familiares; eles formavam centros para onde se dirigiam os arrendatários que cultivavam as terras da fazenda. Tanto essas pessoas como os moradores da fazenda se deslocavam para o Distrito para visitas, para a busca de instruções ou suprimentos e assistência ou ajuda quando disto necessitam. Em alguns casos, os filhos e os genros e outros parentes construía as suas casas nas terras do proprietário da fazenda, formando com os arrendatários um assentamento importante ao redor da casa da fazenda. Em outros casos, os proprietários de porções menores de terras, construía as suas casas próximas dos riachos que fluía ao longo do fundo dos vales para formar de um certo modo uma vizinhança, e o nome do ribeirão era usado para identificar esta vizinhança. É assim que encontramos inúmeros "córregos" com nomes de pessoas ou do sobrenome. Córrego do Sebastião ou Córrego dos Antunes, por exemplo. Ainda assim, e apesar destes aglomerados populacionais menores, a vila de Xonin era o centro social do assentamento como um todo. Em outras palavras, as populações da vila e das fazendas ou campos eram interdependentes.

Esta identidade social era claramente reconhecida pelas pessoas de Xonin. Digamos que alguém fosse para Governador Valadares ele se identificava como morador de Xonin. O assentamento tinha um nome e os seus limites territoriais eram bem conhecidos. Como vimos acima, o assentamento tem uma história que remonta aos Cunha que por primeiro estabeleceram as suas fazendas por aqui. Xonin era também chamado de Chonim das Cunhas e de Chonim dos Porcos para se distinguir de Chonim de Baixo que também era conhecido como Chonim das Cabras ou Chonim dos Baianos. Estes nomes indicam algumas das diferenças entre os assentamentos vizinhos. Acima de tudo, Xonin tem uma santa padroeira, Nossa Senhora da Piedade e uma igreja na vila (a antiga igreja) dedicada à esta designação de Nossa Senhora. Esta igreja mais que uma simples construção era um modo de as pessoas se identificarem. Ali as pessoas celebravam, festejavam, batizavam os seus filhos; neste mesmo lugar foi onde os casais casaram e no cemitério nos fundos da mesma, foi o lugar em os seus mortos encontraram o seu último lugar de descanso. Posteriormente, foi construída uma nova igreja matriz, mas na história de Xonin, esta igreja antiga foi certamente a sua alma.

Para a grande maioria dos que moravam no campo, as lojas da vila forneciam o que eles precisavam em termos do mais simples. Nos sábados e domingos as pessoas das fazendas vizinhas visitavam a vila, trazendo milho, ovos, feijão e algumas vezes um porco e até mesmo uma cabeça de gado para ser vendida. Nas lojas eles compravam enxadas, foices, machados, picaretas, utensílios, tecidos, roupas, alguns alimentos, cigarros, fósforos, sal, querosene, pólvora; em resumo, tudo o que eles precisavam. Nos bares os homens tomavam cachaça,

conversavam e trocavam informações. Muitos dos proprietários de terras tinham casas na vila onde eles ficavam ao longo do fim de semana, ou quando os negócios ou os prazeres o exigiam. As mulheres visitavam os parentes e as amigas, muitas vezes ficando até diversos dias na vila antes de voltarem para as suas casas na roça. A maior parte destas viagens era feita a cavalo ou no lombo de mulas pelas estradas e vielas estreitas. Distâncias menores eram feitas a pé. Mais tarde, aqueles que moravam perto da rodovia ou estrada que passa pelo assentamento esperavam pela passagem de um caminhão que os levava à vila; pagavam ao motorista alguns cruzeiros (moeda da época), e o montante dependia da distância que eles precisam percorrer.

Além de a vila ser um centro religioso, social e econômico, ela era também o lugar onde os serviços sociais e administrativos do governo estavam localizados. Jam à escola tanto as crianças da vila como as dos arredores rurais; no cartório da vila eram registrados os nascimentos, os casamentos e os óbitos; os crimes eram em primeira instância relatados ou informados ao juiz de paz local e, se um vereador estivesse na vila, assuntos que fossem da alçada da câmara dos vereadores eram reportados a ele. Durante as eleições, os representantes dos líderes dos partidos da sede municipal entravam em ação, solicitando votos daqueles que tinham o privilégio de votar. Com isso, o assentamento tinha uma estrutura íntima de relacionamentos que o diferenciava dos assentamentos vizinhos; estes relacionamentos se manifestavam com mais clareza a partir das interações maiores e mais intensas nos campos da vida econômica, religiosa, política e social.

Os habitantes endinheirados falavam de si mesmos como sendo o povo, e referiam-se à classe mais pobre dos arrendatários e dos trabalhadores rurais, como sendo os pobres. Os filhos dos proprietários de terras que se ausentavam para estudar - até por diversos anos - eram chamados de doutor, de ricos. Apesar de os negros de um modo geral serem chamados de pobres, não havia preconceito ou barreiras que impedissem associações com eles.



A VIDA DO DIA A DIA

Para nós hoje em dia é até difícil compreender como era a vida em Xonin 70 anos atrás. Podemos até fazer uma comparação: se uma pessoa que viveu em 1895 chegasse em Xonin em 1950, ela não ia estranhar muitas coisas. Tudo parecia "muito igual" ao do seu tempo. Mas uma pessoa que tenha vivido em 1950 e viesse a Xonin hoje, ficaria espantada com o que via.

Para nós hoje em dia é até difícil compreender como era a vida em Xonin 70 anos atrás. Podemos até fazer uma comparação: se uma pessoa que viveu em 1895 chegasse em Xonin em 1950, ela não ia estranhar muitas coisas. Tudo parecia "muito igual" ao do seu tempo. Mas uma pessoa que tenha vivido em 1950 e viesse a Xonin hoje, ficaria espantada com o que via. Vejamos um exemplo: em 1895 e 1950 para a limpeza da roupa, dos cabelos e tudo o mais só existia uma coisa: sabão em barra. Hoje, temos nos supermercados dezenas de metros de gôndolas com produtos diferentes para ocupar o lugar do "pobre e velho sabão".



Antiga Igreja de N. S. da Piedade
Acervo: Equipe de pesquisa

O que Kalervo relata é que em Xonin encontrava-se em pleno uso na década de 1950, artefatos antigos da sociedade pré-industrial, tais como moedores de grãos acionados por água para triturar o milho, o monjolo (um equipamento com um pilão e um socador movido a água) para descascar o arroz e o café e para moer o milho para fazer farinha; um fogão na forma de uma colmeia para o pão, espingardas de carregar pelo cano e a lamparina (um lâmpada redonda feita com um pavio e querosene e sem chaminé). O modo de falar de Kalervo é até meio estranho: quem é que vai chamar o forno de assar pão de "colmeia"? Quem é que pensa num "chaminé" para uma lamparina? O que tem de estranho em carregar uma espingarda pelo cano? É que Kalervo vinha de uma sociedade em que os fornos não tinham esta forma, a lamparina tinha em cima uma espécie de chaminé e as espingardas eram carregadas com cartuxos. E mesmo o que ele fala dos moinhos merece um comentário: naqueles tempos não havia motores nem a diesel e nem elétricos, por isso, o uso das rodas d'água eram a única saída e por sinal, bastante complicada se pensarmos bem.

O transporte nas fazendas era feito com mulas ou no lombo de cavalos em caminhos que mais pareciam trilhas. A produção agrícola estava limitada aos cultivos de subsistência: milho, feijão e arroz junto com a criação de gado. A terra era preparada na forma de queimadas, e os principais equipamentos eram o machado, a foice e a enxada. O uso de fertilizantes, de rotação de culturas e de sementes selecionadas era algo ausente ou era restrito a alguns poucos. Como foi informado acima, o arado e o uso de juntas de bois não era um recurso comum e por isso, as terras destinadas às pastagens se tornavam praticamente inviáveis para a produção agrícola.

Quem é que cavaria com picareta até meio metro de solo empedrado para torná-lo de novo prestável para o plantio de gramíneas ou oleaginosas?

A organização social estava embasada na família e no parentesco, no compadrio e no relacionamento patrão e arrendatário. Um aspecto muito importante é "solução" do compadrio. O padrinho era visto como um segundo pai da criança e por isso, se o pai ou a mãe da criança viesse a falecer, o padrinho assumia a responsabilidade do órfão. Além disso, as relações de compadrio eram praticamente relações familiares: era como se as duas famílias passassem a se constituir em uma só. Isto favorecia a ausência de conflitos, pelo menos os que levaram a brigas e mesmo à morte. A religião girava em torno do culto de santos, grandemente influenciada pelos elementos de crenças populares antigas portuguesas e africanas. As práticas religiosas eram levadas adiante pelas próprias famílias: os pais davam exemplo para os filhos.

"Os conceitos de doenças e de suas terapias centravam-se em torno da medicina fitoterápica popular, ou seja, as práticas mágicas do curandeiro", afirmava Kalervo. Aqui existe uma espécie de divisor de águas. De 1885 a 1950, as pessoas viam as doenças e as suas curas muito misturadas com as suas crenças. Por isso, não era raro que a oração ou pelo menos algumas rezas, fizessem parte do tratamento. Ainda hoje, quando alguém vai fazer uma viagem perigosa, ela pede que os parentes e amigos rezem por ela; ela leva com ela algum objeto religioso para servir de proteção. Entretanto, outra coisa que era comum em 1885 e 1950 - e não é mais hoje em dia - era o uso de chás de folhas, sementes, raízes, cascas de

árvores, etc. como remédio. Quanto Kalervo visitou Xonin estas práticas estavam começando a mudar, mas resistem até hoje. Aqui temos um princípio: quanto mais a vida está em risco, tanto mais lentamente mudam os modos de preservá-la. Um exemplo disto pode ser o de uma mãe que vê o seu filhinho doente, hoje em dia ela vai levá-lo ao médico, mas ao mesmo tempo ela reza para que ele melhore. E até para que o médico acerte na receita do remédio.

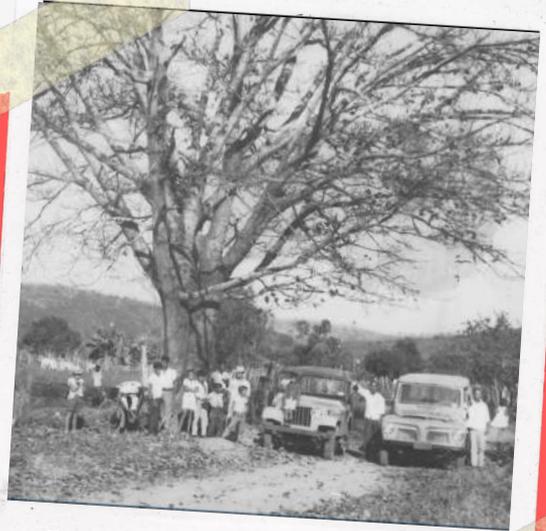


A CHEGADA DA TECNOLOGIA

Em 1950, dois ou três indivíduos da vila tinham caminhões que eram usados para fazer frete ou levar passageiros. Dois ou três homens tinham geradores de eletricidade movidos a água; existia um pequeno número de lâmpadas Aladim e mais ou menos uma dúzia de rádios, ainda que nem todos estivessem funcionando a contento. Aqui temos uma pequena curiosidade. Lâmpada

Aladim nem aparece no Google; na realidade era uma lâmpada a gás. Penso que seja muito raro alguém ser dono de uma hoje em dia.

Havia inúmeras dificuldades para a introdução de equipamentos mais modernos: a medicina moderna, o uso de métodos de trabalho mais modernos com a terra. Todas as alterações que envolvem mudança sempre encontram resistência. De um modo geral o ser humano é conservador, isto é, ele prefere continuar fazendo o que sabe fazer, com os instrumentos que conhece. Mesmo a mudança simples da máquina de escrever para o computador encontrou resistência especialmente naqueles que estavam acostumados com a máquina.



Transporte na Faz. Golconda
Acervo: Equipe de Pesquisa

Apesar de o grupo conjugal de marido, esposa e filhos ser a unidade básica para a formação da família e para a economia doméstica, entre os grandes proprietários a família do dono da fazenda formava uma espécie de núcleo de propriedade. Além da esposa e dos filhos do proprietário existiam muitas vezes os parentes próximos - filhos de criação - crianças pobres dadas ou entregues aos donos das fazendas para serem criados - um bom número de empregados, muitos dos quais se consideravam como membros permanentes da família. Quando as filhas se casavam os genros eram acrescentados à família se eles não fossem filhos de pais ricos. Um casal idoso acabava os seus anos constituindo uma família numerosa. Era somente o pobre ou o pequeno proprietário ou o arrendatário que vivia sozinho com a sua mulher e filhos, e mesmo o arrendatário dependia do proprietário das terras quando por algum motivo tivesse algum contratempo. Basta lembrar o que foi dito acima no caso do compadrio.

Além de tais estruturas grupais como as famílias conjugais, as propriedades familiares e as linhagens, existia ainda o parente, um indivíduo com o qual havia uma relação por sangue ou por casamento, ainda que fosse distante. Quando alguém encontrava com um parente longe de casa, esperava-se que o parente o acolhesse em sua casa e o ajudasse nos negócios, na política e nos contatos sociais. Era normal que um indivíduo, quando estava numa cidade estranha, se informasse a fim de descobrir se ali talvez pudesse haver um parente para ajudá-lo.

O evento religioso mais importante ao longo do ano era a festa da padroeira de Xonin, isto é, de Nossa Senhora da Piedade. Pode-se dizer que a única coisa que reunia todo o povo era a santa padroeira; somente neste aspecto era uma comunidade

única. Mas, muito mais importante para a vida do dia a dia das pessoas era o grande número de santos aos quais os indivíduos faziam as suas preces. Se alguém almejasse se sair bem, casar bem, ter uma boa colheita, curar o gado ou ter a certeza de que o seu número da loteria seria sorteado, ele faria as suas promessas aos seu patrono pessoal fazendo alguma promessa ou levando adiante algumas atividades difíceis ou desconfortáveis como forma de penitência. Na esperança de que o seu santo padroeiro o ajudasse, ele poupava algum dinheiro para agradecer o padroeiro com uma festa para a qual ele convidava os seus amigos e parentes. Por outro lado, se o santo recusasse a ajuda, o santo seria punido através da confecção de uma imagem pequena do santo, feita de madeira, que seria envolvida em argamassa, triturada num pilão, cozida numa panela para o feijão, ou ainda, sendo pendurada por uma perna de cabeça para baixo num poço. O relacionamento do indivíduo com o seu santo, com isto, era uma projeção de suas relações com o patrão. A lealdade com o santo durava na medida em que o santo realizava os serviços esperados.

A relação com o tempo é algo que aprendemos onde vivemos. Assim, chama a atenção de Kalervo o fato de que apesar de algumas pessoas terem relógios de pulso ou de parede, os eventos diários eram referidos a fenômenos naturais e aos ritmos das tarefas cotidianas. Não devemos esquecer que até os anos 1960, as comunidades rurais não tinham televisão, poucos tinham rádio. E o dia começava mesmo com o amanhecer.

As pessoas se levantavam ao nascer do sol e tomavam então o café. Almoçava-se por volta das 10 ou 11 horas, ou no fim do tempo necessário para cozinhar o feijão, uma vez que a panela de feijão era colocada no fogão logo depois do café.

O jantar era servido por volta das 16 ou 17 horas, baseado, mais uma vez na panela de feijão. Com isso vemos que era o tempo de cozimento da panela de feijão que ditava o tempo entre as refeições. O pessoal que trabalhava no campo se organizava quando a isto, do mesmo modo.

A missa da manhã era numa hora bem definida, ou seja, a missa das seis. Era quando tocava o sino. As pessoas muitas vezes diziam: "encontro com você na boca da Ave-Maria", o que queria dizer, às 18 horas. Apesar de algumas fazendas terem relógios de parede ou rádios, muitos deles não funcionavam e eram nada mais que símbolos da modernidade para enfeito e não para uso; era como usar um relógio como pulseira. O tempo, como a distância, estava intimamente relacionado ao que as pessoas sentiam: a ansiedade gerava uma percepção de tempo mais rápido. Assim, se você pedisse a um homem para conversar com ele na hora da missa, do almoço ou da janta ou na boca da Ave-Maria, você podia contar que na hora exata ele iria aparecer; mas se você dissesse: "encontre-me às 10:45 ou às 15:15", provavelmente ele não apareceria por não compreender o horário marcado. O horário do relógio era muito artificial para a vida das pessoas naquele tempo.

Na década de 1950, ainda se faziam caçadas de pacas, porco do mato nos bosques cerrados e nos pântanos ao longo dos rios. Havia roca de fiar com bilros ainda em uso, e faziam-se fios a partir do algodão selvagem. Nos lares pobres das propriedades rurais usavam-se recipientes abertos com óleo e um pavio de trapo para iluminação; era a famosa lamparina. O mobiliário das fazendas ou das moradias era simples e rústico; nas casas mais pobres não havia mais que alguns bancos. Nem sempre se encontravam ali mesas. No mais das vezes havia um fogão à

lenha não raro sem chaminé. As camas eram esteiras estendidas sobre uma espécie de estrado; havia alguns potes de metal ou de cerâmica, gamelas e alguns pratos de estanho e alguns garfos e colheres para serem usados pelos moradores, que se sentavam no chão ou nos bancos ou ficavam de pé meio de lado enquanto comiam suas refeições. Nas casas das fazendas havia bancos e cadeiras nas salas de visitas; uma ampla mesa na sala de jantar e cadeiras ou bancos individuais cobertos por couro e armários para os talheres e louças. Os quartos eram mobiliados com camas de estrado de tábuas sobre o qual se estendia colchões de palha, uma cadeira e um vaso com água. A higiene pessoal era feita nos fundos da casa. A cozinha, neste caso, tinha normalmente um fogão à lenha com chaminé. Para se passar as roupas existiam os ferros a carvão. Esse ferro era um recipiente onde eram colocadas as brasas e a passadeira movimentava de um lado para outro para que a brasa ficasse acendesse e o metal ficasse quente. Era na realidade, uma excelente ginástica.

Os equipamentos mais usados eram o moinho movido a água, isto é, um monjolo, e um engenho de cana, mas este era acionado por tração animal (cavalo) podendo ser encontrados também os acionados manualmente como no tempo da escravidão. Fornos de barro eram usados para torrar farinha de milho, processar o açúcar mascavo e para cozinhar o pão e os bolos. Algumas das fazendas maiores tinham alambiques para produzir a cachaça.



AS CONDIÇÕES DE SAÚDE

Antes da chegada do SESP-Serviço Especial de Saúde Pública, em 1942, somente 10,6% das casas tinham poço, as demais usavam águas de fontes rasas ou de algum riacho próximo. 90% das famílias não tinham privadas, e o quintal era usado para as necessidades fisiológicas. 96% não tinham horta. As condições sanitárias existentes estavam correlacionadas com a maior parte das doenças, tais como os parasitas intestinais, problemas com o fígado, anemia e feridas tropicais.



Posto de Saúde
Acervo: Kelly Castro

Kalervo não explica muito a importância deste Serviço. Na realidade trata-se de uma série de atividades desenvolvidas pelo Governo Federal no sentido de melhorar a situação de saúde do povo que morava no meio rural ou nas pequenas cidades. Este Serviço, a partir de seus estudos, descobriu que a maior parte das doenças que o povo sofria tinha suas origens na falta de higiene e de cuidados básicos com alimentação.

Por isso, além de cuidar das pessoas doentes, este serviço - e aqui está a sua maior contribuição - se preocupava com o ambiente em que as pessoas viviam. Com isso em mente, eles promoviam a higiene em geral, desde lavar as mãos, os alimentos, tomar banho, usar água tratada ou limpa, fazer as necessidades em local que não poluisse o ambiente. Não é difícil imaginar que estas mudanças levaram tempo para acontecer e mesmo encontraram muita resistência entre as pessoas, especialmente as mais idosas. Para se compreender isso, imaginemos nós mesmos tentando viver do jeito como as pessoas viviam em 1895 ou em 1950. Seria muito difícil. Os costumes nos moldam.



AS CONDIÇÕES EDUCACIONAIS

O retrato da escola mostra como a questão da educação e seus problemas, não são de hoje. Em 1952, existia somente uma escola localizada na vila. O prédio era novo, mas faltavam cadeiras, livros e outros materiais. A escola, com três professores, fornecia um curso de três anos de educação primária. A média geral de analfabetismo na vila para indivíduos de 18 anos de idade mais, era de 62,9%; na área rural para indivíduos de mais de 14 anos ela chegava a 83%. A alta média de analfabetos no campo pode ser explicada pela grande distância da escola e pelas péssimas estradas. Exceção feita das famílias mais abastadas, não existia interesse algum pela educação escolar das crianças. De um modo geral os pais ensinavam os filhos a trabalhar naquilo que eles faziam. A escola, por outro lado, não tinha importância alguma a não ser para aprender a assinar o nome e fazer contas, no máximo.



E. E. Margal Ciríaco da Silva
Acervo: Facebook Xonin



ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Em tempos remotos, a região da margem norte do rio Doce, entre os rios Suaçuí Grande e o Corrente, que agora compreende a maior parte do município de Governador Valadares, era habitada pelos Botocudos, que caçavam, pescava e cultivavam pequenas roças de mandioca, milho, algodão e urucu. Eles também viviam em constante guerra com os Aimorés, uma outra tribo Botocudo, localizados mais abaixo ao longo do curso do rio Doce.



Vista parcial de Xonin
Acervo: Fábio Persi

Em termos de geografia, nesta região, um fenômeno geográfico impressionante é a montanha que está exatamente do outro lado do rio, em frente à cidade de Governador Valadares conhecida como Pedra da Ibituruna; a propósito, na língua dos Botocudo, significa 'montanha negra'.

A superfície do distrito na década de 1950 foi descrita como sendo de colinas. Ao mesmo tempo, no passado geológico as baixas montanhas erodidas se sobressaíram dos platôs aluvionais ou de erosão.

Mais tarde, estes platôs foram ainda mais erodidos por rios para formar uma espécie de labirintos de colinas e de encostas que se elevaram a mais ou menos 100 metros em relação ao fundo dos vales ou em relação às várzeas. Estas colinas arredondadas são formadas por lateritos (rocha formada a partir de intensas mudanças de clima ao longo do tempo: chuva, calor, frio e ventos) e outros solos tropicais avermelhados e diferenciam-se claramente das cadeias de montanhas baixas de rochas cristalinas antigas. Antes da entrada dos "brasileiros" nestas áreas de colinas e montanhas, elas eram cobertas por densas florestas de madeiras. O solo dos vales era meio acinzentado e muitas vezes argiloso e pesado e sujeito a inundações durante as chuvas mais pesadas.

Esta parte do Estado de Minas Gerais caracteriza-se por estações claramente secas sucedidas por estações chuvosas; as chuvas começam em outubro e terminam em maio. As chuvas começam na forma de tempestades com aguaceiros, seguidas por nebulosidade, que às vezes dura um dia ou dois e geralmente traz consigo um abaixamento da temperatura. A estação seca inicia-se com céus claros e termina com um tempo sufocante e brumoso conhecido aqui por bruma seca.

Dentre o grande número de espécies de árvores que constituía as florestas do Distrito até a década de 1950, podemos nomear aqui somente aquelas com as quais as pessoas estão mais familiarizadas, isto é, as que são particular e economicamente úteis. As madeiras de lei eram as árvores comercialmente valiosas e tinham o seu corte e comercialização taxados. Entre estas se destacavam a peroba, o cedro, o jacarandá e a cerejeira. Dois tipos de perobas eram cortados e vendidos; um

tinha uma madeira pesada de um colorido róseo e, o outro, uma madeira de cor amarelo-claro. Ambos eram duros e resistentes, usados para a confecção de móveis. O cedro era uma árvore alta com madeira mais leve de uma cor rosa-claro, usado para a confecção de móveis mais delicados. A madeira do jacarandá era escura e pesada, e quando envelhecida, tornava-se praticamente negra; era uma madeira dura, utilizada para fazer tipos de móveis mais caros tais como guarda-roupas, conjuntos de salas de jantar e mesas para escritório. As cerejeiras produziam uma madeira amarelada usada mais para assoalhos, aberturas e para molduras de janelas.

Havia outros tipos de madeira amplamente usados, cujo corte não era taxado: o jequitibá, a saranduba, a canela, a sucupira, a vassourinha, a pindaíba, a sapucaia e numerosas outras. Algumas destas árvores forneciam madeira de boa qualidade enquanto que outras eram inferiores e serviam apenas para lenha.

Havia ainda uma grande variedade de cipós, usados pelos moradores do campo. Entre os mais conhecidos: o cipó trindade, cipó canó, o timbó, o tripa de galinha. A maior parte deles era usada para fazer cordame e alguns têm propriedades medicinais.

Entre as gramíneas selvagens usadas para as pastagens existiam: o capim colonião, o meloso, o provisório ou jaraguá, o gordura, o sempre-verde, pengó e a erva ou capim elefante. Havia também uma grande variedade de arbustos e de plantas de pequeno porte cujas raízes, folhas e frutos que eram usados (alguns ainda o são) como medicina fitoterápica. Eram as plantas medicinais que ainda hoje são plantadas para remédio.

As áreas com florestas do Distrito eram a moradia de inúmeros animais que ainda eram caçados até a década de 1950. Entre estes havia o jaguar, a pantera, o gato selvagem, o tapir, a capivara, o porco do mato (caietu e o queixada), o veado do mato e do campo, o tamanduá, a cotia, a paca, macacos, a raposa, a lontra e o tatu. Existia também um bom número de cobras e serpentes na área, algumas venenosas como a jararaca e a cobra coral. Alguns nomes de cobras também foram identificados, como por exemplo, havia três variedades de surucucus, a cobra dourada, a cobra dorminhoca, a cobra fria, a cobra vidro, a cobra cipó e a amarelão. Entre as tartarugas eram comuns o jabuti e o cágado.

Os pássaros apresentavam-se em grande número e variedade ainda na década de 1950. Entre os grandes pássaros da floresta que eram comestíveis e caçados destacavam-se: a inhuma, o pavão do mato, o jaó, o macuco, a jacutinga, o jacu e o inhambu. Quanto aos outros pássaros, dentre os quais alguns eram capturados para vir a ser animais de estimação ou por sua plumagem: os diversos tipos de papagaios, de periquitos, de araras bem como o sabiacica, o capoeira e o lassari. Pássaros menores, alguns dos quais são exímios cantores, havia o sabiá, o melro, o bem-te-vi, o tico-tico, o guaxo, o anu branco, a andorinha, o canário, o bicudo e o assobiador.

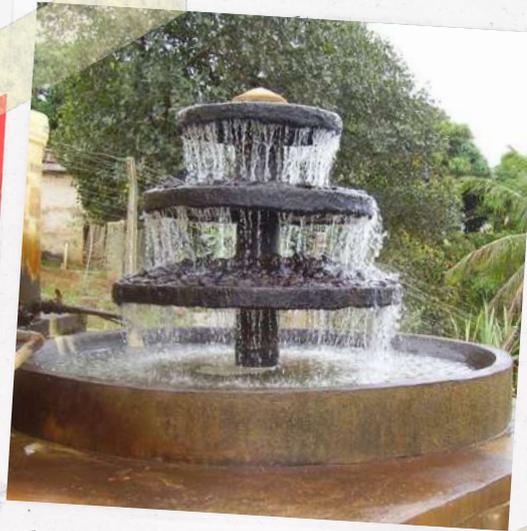
Esta descrição de plantas, animais e aves que eram uma riqueza enorme na metade do século passado, é agora a descrição de algo do passado. O leitor ao olhar agora para os campos com simples pastagens, deve ter a consciência de que este mundo terminou. De qualquer modo, resta a pergunta: valeu a pena? Por que afinal tudo foi arrasado? A nossa paisagem

representa um avanço ou simplesmente criamos o chamado deserto verde? O deserto verde é o que se denomina das plantações homogêneas, tais como o capim onde toda a riqueza animal desaparece e fica só o gado; as plantações de eucalipto onde apenas as árvores vivem, os demais animais não têm como viver ali.



XONIN NA ÚLTIMA DÉCADA

Como estão as coisas hoje em dia? A partir do relatório produzido pela Organização Não-Governamental (ONG) Centro Agroecológico Tamanduá (CAT), apresenta-se agora um panorama de Xonin nesta última década. De um modo geral, o grande problema apontado pelos moradores é a falta de oportunidade de empregos.



Estação de tratamento da água
Acervo: Facebook Xonin

Alguns moradores acham que falta uma associação que fique responsável por esta área, para que melhore as condições de vida da população. Além disso, os jovens não estão conseguindo trabalho, com isso há muitos jovens indo para outros lugares. Tendo presente o que vimos acima, isto é, a chegada da família Cunha parece que as coisas estão se invertendo: em 1895 as pessoas chegavam a Xonin e aqui havia trabalho; agora, pelo que se vê, as pessoas vão embora porque não há trabalho. Com isto entende-se que passados 70 anos, a população em vez de crescer, diminuiu.

Economia Local

Quanto à economia local, a renda do Distrito vem principalmente do comércio de leite, bares, vendas, aposentadoria e diárias. Entretanto, o relatório do CAT aponta que a produtividade de leite está diminuindo muito, e alguns acham que é devido aos desmatamentos que fizeram e que tirou a fertilidade da terra.

Ambiente e qualidade de vida

A relação ambiente e qualidade de vida aparece no relatório quando se considera o abastecimento de água, a coleta do esgoto e do lixo e a erosão. Quanto ao abastecimento, os moradores da parte mais alta se sentem prejudicados, e às vezes passam até 60 dias sem água, pois a água fornecida não tem pressão suficiente para chegar às partes altas do Distrito. O Serviço Autônomo de Água e Esgoto do município (SAAE) faz a distribuição da água, mas alguns moradores consideram que ela não está sendo boa para o consumo humano. Além disso, as nascentes estão acabando, devido aos desmatamentos ocorridos nas cabeceiras. Décadas atrás, o volume de água era muito grande, mas devido aos desmatamentos nas cabeceiras dos cursos d'água existentes a água diminuiu bastante. Nesse sentido, há uma indicação clara da necessidade de reflorestamento urgente nas cabeceiras. Um dos motivos apontados para a falta de água é o garimpo ocorrido por longo tempo na localidade. Quanto ao esgoto, não há uma rede capaz de atender todo o Distrito, por isso, algumas casas ainda possuem fossas. A pequena rede existente precisa de

manutenção. Esse cenário precário faz com que boa parte do esgoto seja despejada no córrego, causando contaminação da água e doenças. Além do esgoto, o córrego também recebe parte do lixo não recolhido. Isso ocorre porque falta um local adequado para depositar o lixo do Distrito. Alguns moradores queimam o lixo, outros jogam no coletor, mas a quantidade de coletores é pequena para demanda local. Outra ameaça é a erosão que se faz presente no Distrito e nas regiões vizinhas. Esse processo ocorre em função do desmatamento que vem ocorrendo há décadas. Todos esses elementos interferem diretamente na qualidade de vida dos moradores do Distrito.

Infraestrutura e serviços

As questões de infraestrutura e serviços incluem: assistência à saúde, educação, creche, comunicação, lazer, calçamento e sinalização, segurança pública, transporte e energia elétrica. Sobre a assistência à saúde, o Distrito tem um posto de saúde que funciona com a presença do médico dois dias na semana e conta com bons medicamentos, exceto aqueles controlados. Os exames são feitos em Governador Valadares, o que causa contratempos aos moradores quanto ao transporte. De um modo geral, os problemas de saúde identificados são: diabetes, hipertensão e verminose. A educação é ofertada apenas até o ensino médio na Escola Estadual Margal Ciríaco da Silva (em homenagem ao genro de Marcelino Cunha, quem iniciou o povoado). O terreno onde foi edificada a creche é da Sociedade São Vicente de Paula - SSVP.

Atualmente há telefone público e residenciais, mas é cobrada uma taxa para fazer ligações interurbanas, mesmo se for ligação local. Em termos de lazer há um campo e uma quadra sem uma administração adequada. A quadra nas proximidades da creche fica aberta e iluminada, mas os banheiros estão danificados. As ruas precisam de placas e de sinalizações. É preciso definir melhor os nomes das ruas, assim como o número de cada casa para evitar as duplicações existentes atualmente que dificultam as entregas dos correios e a ação dos policiais. A segurança precisa ser reforçada com equipamentos e local adequado para o posto policial. Os moradores reclamam do transporte, especialmente no que se refere ao carregamento de mercadorias, já que o ônibus que faz a linha não possui bagageiro. Reclamam também da falta de iluminação em muitos pontos do Distrito.

Expectativas dos moradores

De um modo geral, a população reconhece que ocorreram muitas mudanças no Distrito, como: asfalto na rua central, energia elétrica, creche, água, posto de saúde, orelhão, linha telefônica residenciais, farmácia, igreja e estradas. Mas, o número de lojas locais vem diminuindo com o decréscimo das vendas. Outro ponto positivo são as associações existentes: a de moradores e amigos, a dos camponeses, a da pastoral. Entre essas associações existem muitas divergências, mas há propostas de melhoramento para o Distrito. Dentre elas, destaca-se: usar as áreas públicas para projetos comunitários e não para uso dos fazendeiros locais; necessidade de implementação de reflorestamento e conscientização da preservação do meio ambiente, principalmente na área do rio.

Há uma indicação para o plantio de árvores e o planejamento de podas para que o Distrito ficasse mais bonito e arejado, evitando proliferação do mato sobre os passeios; e, por fim, a proposta de industrialização das frutas existentes em Xonin, especialmente a manga.

Estas reclamações, sugestões e elogios merecem uma observação. Quando vemos a descrição de o neto do Marcelino fez de Xonin, ele na verdade nos apresentou um paraíso: matas, água, aves, animais e terra fértil. Agora, o relatório do CAT nos apresenta uma série de problemas. De onde eles vieram? Parece paradoxal que o problema para os primeiros moradores eram as matas - derrubaram - eram os animais - foram caçados - era o ambiente como um todo - foi controlado. Agora vemos que a água que era cristalina agora está poluída; as matas foram destruídas e com isto não há mais rios que correm o ano todo. A solução parece que caminha para a reconstrução daquele ambiente anterior. Por isso, um dos grandes temas atuais não é tanto o que produzir, mas o meio ambiente, ou seja, como é que podemos viver aqui sem destruir tudo e ao mesmo tempo refazer a natureza de tal modo que ela nos ajude. Parece que esta pergunta não foi feita um século atrás; os problemas de hoje lá no passado eram vistos como a solução, por paradoxal que seja.



AS COMUNIDADES RURAIS EXISTENTES EM XONIN

Cada região do Brasil – e mesmo pelo mundo afora – tem seus “costumes” para dar nome aos vilarejos. Só uma curiosidade. Na Itália chamam de “contrade”, isto é, um grupo de casas ao longo da estrada umas “contra” as outras. Já aqui é o riacho que é o ponto de união de diversos moradores. Por isso um nome bastante usado é o de “córrego”.

Como vimos acima, certamente Marcelino e os seus familiares, a primeira coisa que procuraram para fazer a “sede” era a presença de água, seja ela uma fonte ou um riacho. Vejamos a história de alguns desses córregos. Também como vimos acima, outro modo de se começar um vilarejo é um assentamento, que foi de certo modo o jeito como Xonin começou e uma atividade que requer a presença permanente dos trabalhadores, como é o caso das minas.



Fazenda em Golconda
Acervo: Equipe de Pesquisa

Córrego Cabeceira do Bugre

A ocupação do córrego Cabeceira do Bugre teve início com o morador Manoel Francisco, oriundo de um lugarejo identificado pelos moradores como Rochedo. Na mata inicial, havia animais silvestres (onça, anta, macaco, jaó, caititu, curió e outros) que foram quase extintos pelo desmatamento. Havia água em abundância e madeira de lei. Com o povoamento, iniciou-se o plantio de milho, arroz e feijão. A formação de pastagens nos últimos 20 anos tem evitado a erosão. A mudança ambiental e o garimpo na região levaram à diminuição da água em 60%. No pouco de mata que resiste, ainda existem animais, madeira de lei e nascentes preservadas. A principal fonte de renda da comunidade vem da agropecuária. A maior parte da produção é para consumo da comunidade. Dentre os problemas enfrentados pela comunidade, destacam-se as condições precárias da escola, das estradas e do Posto Médico. Os moradores entrevistados indicaram como potencialidades a existência de água e a possibilidade de uma fábrica de biscoito ou rosca, aumentando a oferta de emprego.

Córrego São Gabriel

O nome original da comunidade foi Quigemeone, termo de origem indígena. Posteriormente, foi apelidada de "Esgotão", devido aos drenos utilizados para secar as áreas alagadas. As matas originais eram ricas de madeira de lei e animais silvestres. O nome atual homenageia o patriarca local, Gabriel de Souza Coelho. Essa comunidade contou com várias fábricas de cachaça, rapadura, telhas e tijolos nas décadas de 1970-1980, quando foram abertas as primeiras estradas no meio da mata. A

A comunidade, muito pobre, sofreu com várias endemias e epidemias; os partos eram feitos por parteiras locais e os mortos eram enterrados no pé do Cruzeiro. Nas últimas décadas, ocorreram a extração das madeiras de lei e o empobrecimento do solo; o desmatamento deu origem às pastagens. A água existente é limpa. Os poucos moradores que resistem na comunidade plantam milho, arroz, cana, banana, feijão, dentre outras culturas. Boa parte da produção é apenas para consumo próprio e há um pequeno comércio de leite e derivados. A comunidade sofre com as péssimas condições das estradas, do transporte e da escola. Falta assistência técnica na agricultura, assistência médica e oportunidade de emprego para os mais jovens.

Assentamento Joaquim Nicolau

O assentamento teve origem na fazenda Padre José de Anchieta, cujo proprietário tentou implantar uma comunidade de cristãos com produção coletiva. Em 1996, 12 famílias de Dolores de Guanhanes (MG) e quatro famílias da região, organizadas pela Federação dos Trabalhadores do Estado de Minas Gerais (FETAEMG) e com a concordância do proprietário, ocuparam a fazenda. No ano seguinte, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) desapropriou a fazenda e realizou um projeto formal de reforma agrária, com trabalho e cozinha coletivos. Em 1998, o projeto de produção coletiva entrou em crise e a exploração passou a ser individual. O solo tem baixa fertilidade e quase metade das terras são formadas por áreas degradadas. O riacho Casimiro abastece as 17 famílias existentes e seu assoreamento, em função da atividade minerária, impede o cultivo do arroz.

A área destinada à produção está sendo incorporada nos sistemas produtivos das famílias e as roças possuem cana, banana e horta além da produção leiteira, mais recente. A atividade agrícola acompanha o período de estio e da chuva com o plantio de feijão, amendoim, mandioca, banana, girassol e hortaliças. Dentre os problemas levantados, verifica-se a erosão nos morros, a baixa produção agropecuária, o solo enfraquecido, a dificuldade de escoar a produção e a infestação de formigas. Essa é a única, dentre as comunidades apresentadas, que recebe uma atenção do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), em termos de financiamento de produção familiar, no território rural vinculado a Governador Valadares. Entretanto, ainda não foram sanados os problemas de falta de tecnologia e do financiamento para a produção. Além das questões produtivas, sente-se a falta de um espaço para entretenimento, de assistência médica adequada, de uma manutenção constante nas estradas e há dificuldade de comunicação.

Golconda

De acordo com as informações obtidas, a primeira moradora foi Florinda Cândida, vinda da região de Peçanha. Ela teria chegado ao local, ainda coberto por mata, na primeira década do século XX. O segundo morador foi o que agora é conhecido "Velho Chico". Em seguida, chegou Pedro para trabalhar na mineração. O garimpo atraiu alemães que nomearam a localidade de Golconda (pedras preciosas, na língua germânica conforme entendimento local). Na realidade, segundo o dicionário Webster's, Golconda foi o nome de uma fortaleza (hoje em ruínas) da Índia (Hyderabad), famosa pelos diamantes

até o Século XVI; a partir disto, por metonímia, passou a significar lugar de grande riqueza ou recursos. Não há indícios de o termo ter origem na língua alemã.

Após o auge produtivo e da extração de minério, houve um esvaziamento demográfico, com a saída de mais de 80% da população. A comunidade sofre com a falta de emprego, com o fim da produção agrícola em virtude da ação agressiva dos garimpos, interferindo dramaticamente no ambiente especialmente na água. A mineração, as queimadas e o desmatamento levaram à diminuição da vazão de água do córrego do Onça. Além disso, falta assistência médica, a escola está em condições precárias, as estradas não recebem manutenção, não há policiamento, falta união entre os moradores e falta fiscalização dos garimpos irregulares.



XONIN A PARTIR DE SEUS MORADORES

Para resguardar a identidade dos participantes que gentilmente cederam entrevistas para essa pesquisa optou-se por apresentar seus relatos no formato de narrativas.

Elas revelam inúmeros aspectos do cotidiano, envolvendo a infância, as brincadeiras, o trabalho na lavoura, as festas e o sentimento de orgulho que cada um deles nutre por ser de Xonin. São histórias de vida generosamente compartilhadas que nos ensinam muito sobre valores, família e fé.



Fila de aposentados (pagamento)
Acervo: Fábio Persi

Lá vem Deodoro!

Em uma tarde de quinta-feira, um antigo morador do Distrito, o Deodoro, com muita gentileza cedeu uma entrevista relatando sua vida. Contou-nos como foram seus dias de infância, adolescência e juventude, também relatou como era sua vida décadas atrás, os momentos positivos e negativos pelos quais sua família passou e fez um paralelo de como era sua vida no passado até os dias atuais.

Quando ele nasceu o mundo estava em guerra e isto logo influenciaria a sua vida. Ele nasceu no início da década de 1940, e com a fala mansa e com o olhar para o seu passado, retratou sua história de vida. Seus pais vieram de Coroaci e Virginópolis. Ele e seus irmãos nasceram em Xonin mas encontram-se atualmente na América do Norte, Belo Horizonte e em Parati (Rio de Janeiro). Esta imagem de gente em todo o lugar, é um pouco a imagem das famílias do Leste de Minas e não foi diferente a de Deodoro.

Ao retratar sua infância, conta que sua brincadeira favorita era usando estilingue para matar passarinhos após os estudos na escola. Recorda também dos passeios de bicicleta, das pescarias em um córrego no fundo de sua residência e finaliza que sua infância foi uma infância normal. Sobre o tempo de escola lembra com clareza de como era a relação professor/aluno. O professor solicitava ao aluno que levasse uma "vara" para usá-la caso alguém "pisasse na bola". Ele mesmo não conta se o professor usou mesmo a vara ou era apenas um modo de os alunos se animarem a estudar e a se comportar.

Ele estudou por três anos e acredita que a maioria de seu conhecimento foi adquirido fora da sua escola. Ressalta que a vinda de seu pai para Xonin, com apenas 16 anos, se deu em meio a uma boa condição financeira. Quando o mesmo se casou já possuía um comércio e sua mãe veio para ajudar a cuidar dos negócios; o comércio funciona até hoje e ficou como herança para ele. O comércio, que naquela época se chamava 'venda', chegou a se destacar na região nas décadas de 1930 e 1950, vendendo artigos como querosene e prateleiras de madeira. A carne vendida era exposta em cima de uma mesa em que o cliente escolhia o pedaço que quisesse. O toucinho de porco era salgado e as pessoas compravam para fazer torresmo e para tirar a gordura, pois naquela época não existia óleo de soja embalado como hoje. Da gordura então se fazia a banha. Recorda-se que a cerveja era gelada na caixa de sal, porque não tinha geladeira, e o sal era apenas o sal grosso. Destaca que seu comércio era de produtos básicos, sem muita variedade de produtos. Em sua casa quando criança as tarefas eram divididas, cada um tinha uma função: um tratava dos porcos, outro tirava o milho das espigas, debulhava, né, e outro tratava das galinhas.

Ele lembra que houve uma época de grande crescimento na região, graças a vinda da Vale do Rio Doce (1942), mas revela também um dado trágico. Xonin é menor que Governador Valadares, mas houve uma época que numa coisa era maior: no número de mortos. Xonin aconteciam mais mortes que em Governador Valadares, muitas delas em virtude da violência e muitas outras por doenças. Por uma época a mortalidade em Xonin era tão grande que tiveram de construir um cemitério de emergência, por causa da grande quantidade de mortes

causadas pela tuberculose, malária e o tétano. Lembrando que em algumas ocasiões as pessoas eram enterradas em cobertas pelo fato de não haver caixão pronto para o enterro.

O atendimento da saúde melhorou com chegada do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) na região, diminuindo um pouco o nível de mortalidade. Eles forneciam aos moradores da região banheiros pré-moldados também chamados de privadas na época, melhorando a qualidade de vida dos moradores da região. Por muitos anos o SESP tomou conta, claro, cuidou da saúde dos moradores de Xonin. O atendimento sempre foi bem elogiado pelo modo como os médicos tratavam os moradores de Xonin. O senhor Otto Martins da Silveira ia a Governador Valadares buscar os médicos e levar a Xonin. Havia também uma senhora, médica americana, que era chamada de dona Lola; ela deixou saudades quando foi embora pela grande dedicação prestada aos moradores.

Os filhos de Deodoro consultavam em Valadares por médicos particulares e destaca os procedimentos comuns que se fazia naquela época, como as vacinas; era vacina contra rubéola, caxumba, varíola e tétano, lembrando que mais da metade dessas vacinas era paga. O cuidado com as crianças naquela época era básico, as mães tomavam cuidado com a exposição da criança à friagem e ao excesso de calor. Havia a preocupação com a mistura de alimentos, como exemplo citou a manga misturada com o leite, que na mentalidade da época era considerada uma mistura venenosa. Já o cuidado com os idosos era basicamente tomar cuidado com a febre amarela, cujo medicamento utilizado na época era o Aralen (composto de fosfato de cloroquina) que prejudicava muito o fígado.

Quanto ao desenvolvimento econômico, Xonin só teve uma empresa grande: um laticínio, que não existe mais. O comércio diminuiu comparado aos anos atrás, no qual havia muita gente nas ruas de Xonin. Esse fluxo pode ser atribuído à exploração da mica, e de outras pedras preciosas naquela época. Existiam em Xonin grupos que vendiam minério e mica para a América do Norte, e isso de fato beneficiava os moradores de Xonin. Esta exploração de mica acontecia nas serras e como as condições de trabalho eram péssimas, os trabalhadores que trabalhavam na exploração destas minas, quase todos morreram de enfisema pulmonar, destacando que um destes trabalhadores morreu recentemente desta doença. Em outras palavras, as minas ocasionaram a morte de várias pessoas devido à precariedade das lavras, na qual exploração era basicamente feita na mão com pás e enxadas. Do mesmo modo que as condições de trabalho eram péssimas as estradas também não tinham boa qualidade, porém, mesmo com estes fatores negativos a diversão em Xonin não deixou de existir, ela estava sempre presente nos jogos, circos, jogos de malha e até mesmo quando um cinema volante ia à localidade. O cinema volante era aquele que o sujeito vinha com todos os equipamentos e passava o filme e ia embora; não tinha um cinema. Xonin era um lugar festeiro, especialmente nas grandes festas, especialmente as religiosas.

Finalizando, as saudades dos velhos tempos de Xonin foram relatadas, desde as músicas e bandas que tocavam na localidade, destacando a banda Maestro Marcelino Joaquim da Cunha, e também a insatisfação na troca do nome de Xonin, informando que mesmo com esta troca alguns moradores ainda escrevem o nome da localidade do modo antigo.

E o Floriano acaba de chegar...

Outro participante que nos cedeu seu tempo e histórias de sua vida, o Floriano, nasceu em Coroaci em 1938, um ano antes de iniciar a Segunda Guerra Mundial e ela ia influenciar em sua vida. Aliás, o nome Coroaci é um nome muito bonito: significa mãe do sol. Seu pai era natural de São João Evangelista e sua mãe natural de Coroaci. Desde cedo começou a trabalhar para ajudar a família devido às necessidades presentes em uma época difícil, onde as carências eram constantes. O trabalho no campo começou aos oito anos de idade.

Saía do trabalho e ia para a escola onde estudou até o terceiro ano, hoje terceira série do ensino fundamental. Nessa fase da sua infância possuía como lazer apenas o futebol com meninos da sua idade. Quando tinha a idade de 16 para 17 anos, esteve por um tempo em Coroaci, e foi com outros rapazes para a cidade de Ouro Preto com o intuito de estudar na escola do Exército. Ele estava na fazenda do tio, com os primos, realizando o espalhamento do café pelo terreiro.

Foi quando chegou a polícia e começou a conversar com o tio, pois estavam procurando rapazes entre 17 e 18 anos para estudar em Ouro Preto. O tio, então, perguntou sobre a finalidade do estudo e foi informado pelos policiais que era com intuito de formar soldados. Quando os primos ouviram, saíram de perto. Os policiais perguntaram a ele se ele ia e ele respondeu que sim. Sendo assim, ele foi orientado pelos policiais a entrar em contato com o seu pai que estava em outra fazenda de propriedade de um amigo. Ele escreveu uma carta ao seu pai informando-lhe que iria para o exército de livre vontade. E foi

para Ouro Preto onde passou cinco anos e estudou no Exército 1 ano e 3 meses. Com a saída do serviço militar, foi trabalhar no garimpo. Essa atividade empregava muitos jovens, alguns na faixa de 16 e 17 anos. O trabalho era muito pesado e perigoso, sendo comum o uso de armas de fogo por alguns. Ao longo de sua vida teve vários problemas de saúde, mas sempre foi auxiliado.

Ele chegou em Xonim em 1958, onde se casou. O filho nasceu com a ajuda de parteira, pois naquela época não tinha serviço hospitalar no local. Os remédios utilizados eram praticamente todos naturais, isto é, de folhas, raízes, sementes de plantas. Quando chegou em Xonim, o lugar tinha 3 farmácias, 3 a 5 lojas de tecidos. Em relação ao lazer e ao divertimento o local tinha bailes, leilão, embora não tivesse o hábito de frequentá-los. Os namoros muitas vezes eram motivos de briga. Existia a zona da prostituição, onde em algumas ocasiões acabavam ocorrendo homicídio.

Hoje, possui um pequeno estabelecimento comercial em Xonim, onde recebe os amigos e conhecidos para um bom bate papo e para tentar recordar as lembranças de outra época.

Aqui começa a roda de conversa com a Prudentina

Vamos conhecer agora a história de uma senhora que, em diversos pontos, confunde-se com a história de Xonim. As continuidades e rupturas, tão rotineiras em sua vida moldaram seu jeito tranquilo e aberto, apesar de a vida dela não ter sido fácil. Prudentina nasceu em 1955, desde cedo aprendeu a lidar

com adversidades. Foi abandonada pela mãe e ainda criança já trabalhava para garantir o mínimo de sustento. Até esmolas já foi obrigada a pedir.

As idas e vindas não proporcionaram a ela maiores perspectivas de vida, tendo enfrentado preconceito de pessoas próximas, quando por necessidade teve que morar dentro de uma zona boêmia: a famosa Rua do Quiabo. Apesar de essa região ser bem próxima às denominadas "casas de família", a segregação era brutalmente aplicada. Os moradores daquela "localidade" eram marginalizados, não podendo frequentar publicamente os mesmos lugares que as ditas "pessoas de bem". Numerosos casos de discriminação foram relatados. Algumas mulheres chegaram a ser presas simplesmente por serem prostitutas e estarem no mesmo armazém fazendo compras com outras senhoras que julgavam inadmissível aquela situação.

Outra peculiaridade era referente às roupas às quais "as mulheres de vida" deveriam se adequar: roupas longas, que não fizessem menção a nenhuma forma de sensualidade. Era o mesmo que um disfarce para andar à luz do dia em meio a uma sociedade preconceituosa. Mini-saia, nem pensar, nem em sonho.

Sua história revela a dificuldade para uma mãe e criar seus filhos, quase sozinha, visto que o marido largou a família, em meio à pobreza, em uma sociedade machista. Mesmo assim, ela não deixou de lado seu papel de mãe, levando os filhos consigo aonde quer que fosse. Mesmo nos tempos de colheita de café, no Espírito Santo, eles estavam lá. De uma maneira ou de outra ela sempre conseguia dar um jeito de levá-los, com receio de que ficassem à própria sorte ficando em Xonin. Em meio a toda

essa movimentação de tempos em tempos, dependendo do amadurecimento do café, seus filhos não concluíam o ano letivo regularmente dificultando prosseguir nos estudos. Mas, todos reconhecem que a educação que ela deu aos filhos acabou suprimindo a falta da educação escolar. Foi a escola da vida que os ensinou com uma didática bem mais rígida.

Seu olhar nostálgico relembra cada característica peculiar daquele local que ficou gravado na sua mente. Além de apontar para um passado glorioso onde fervilhavam diversas oportunidades ligadas à extração da Mica, ressalta que as "facilidades" é um atributo dos dias atuais; hoje é tudo mais fácil. Havia muitas dificuldades de transporte, de trabalho, de educação, tudo isso representa o reflexo do passado onde predomina a escassez, mesmo diante de um breve período de prosperidade local. A riqueza não ia para todos do mesmo modo. Naquela época, a vida era mais simples e natural. A superstição e a experiência dos mais velhos eram mais importantes qualquer saber científico. Isto influenciava desde a alimentação até o tratamento de uma simples gripe, ou doença mais grave. Tudo era resolvido à base do infalível "remédio do mato". Raizeiros e Boticários eram referências e tiravam qualquer dúvida acerca de algum problema não diagnosticado facilmente. E mesmo, certas vezes eram mais importantes do que os médicos.

A política estava presente em qualquer aglomeração de indivíduos, seja ela pequena ou grande. Xonin não era exceção a essa regra; era dividida entre dois partidos: os "brocões" e os "ricos". Os primeiros representavam as classes mais pobres, enquanto os últimos como o próprio nome diz, representavam as camadas mais abastadas do local.

Quando o assunto é atualidade ela não se cansa de enumerar as diversas mudanças que facilitaram a vida de todos tanto no âmbito individual como no coletivo. No particular ela relaciona o crescimento dos filhos como sinônimo de melhorias para a família já que os mesmos poderiam trabalhar e ajudar na manutenção do lar. O trabalho talvez seja o assunto mais citado e de maior valor para ela. Isso possivelmente se deve pela sua trajetória de dificuldade e lutas por uma vida melhor, e o trabalho torna-se uma oportunidade de crescimento ou simplesmente sobrevivência.

Ao final da conversa podemos ver mais claramente a verdadeira relação entre Prudentina e Xonin. Em meio a uma vida atribulada e quase nômade, foi lá que ela encontrou seu lugar e pôde se estabelecer como moradora e criar sua família. Nenhum outro lugar tem tanta representatividade para suas lembranças. Sua narrativa gira em torno do momento de encontro com Xonin; é a referência das lembranças que vão surgindo em meio ao diálogo biográfico. Em momento algum ela deixa de lado a naturalidade em descrever as inúmeras dificuldades que enfrentou ali, mas diferente de muitos que tiveram rápida passagem a Xonin, ela ficou. Mesmo com várias oportunidades de mudança. Se a perguntássemos se poderia resumir Xonin em uma expressão, com certeza a resposta seria: minha casa.

Conversa com Zé dos Campos debaixo da mangueira

Essa narrativa é de um senhor de mais de 90 anos, o Zé dos Campos. Ele nasceu em Coroaci e ainda pequeno foi para Xonin onde morou por vários anos até se deslocar para Valadares. Em Xonin casou-se e trabalhou com lavras. Na infância brincou principalmente de bola, mas começou a trabalhar desde cedo na roça e na extração da mica. Da adolescência, lembra das festas; o dia a dia era bom. Na época do auge da lavra, tinha muita gente. E tinha mais minério, muita fartura financeiramente, hoje não. Hoje tem muita gente, mas o dinheiro não aparece, e a lavra acabou.

Não havia infraestrutura adequada. Para chegar em Valadares demorava de 3 a 4 horas devido as péssimas condições da estrada e quando chovia, a viagem se tornava impossível. Tentaram colocar um ônibus em Xonin, mas não tinha fluxo suficiente para garantir a despesa da compra do ônibus e pagar o motorista. Então, tiraram o ônibus. Não havia saneamento básico, água encanada, energia elétrica para a realização das atividades domésticas e para banhar-se os moradores se bandeavam para os poços, córregos ou riachos.

Quanto à saúde, antigamente era bom não existia doença como hoje. Quando a pessoa tinha um problema, ele tomava um remédio do mato e sarava. A alimentação era mais saudável e os alimentos não possuíam agrotóxico. Hoje a pessoa compra uma verdura, uma folha, coloca na geladeira, e depois está tudo podre, estraga os alimentos, por causa do agrotóxico. Isso pode estar adoecendo as pessoas. Naquela época os alimentos

consumidos pelos moradores daquela região eram plantados ou trocados. Para consumir tinham todo o processo de colheita no caso do arroz, feijão, milho e café. Os alimentos tinham que ser socados no pilão e soprados na peneira para retirar os resíduos de cascas. O milho e o café eram trocados e socados novamente para se consumir. Médico e polícia também não tinham, os doentes recorriam a farmacêuticos e raizeiros.

Depois que se casou, passou a trabalhar com mica para sustentar a família. Ele tomava conta da oficina de um fazendeiro. Eles tiravam a mica e colocavam pra fora e ele tomava conta de tudo: olhava os empregados e classificava a mica, separando-a por tipo. Nessa época todo sábado tinha festa em Xonin.

A vida era mais humilde não tinha muita briga. O problema eram as pessoas que vinham de fora. Os vizinhos eram alegres e gostavam de sentar na pracinha. Na porta da igreja tinha bancos e todos sentavam lá pra se refrescar no período tarde, mas agora não tem essa tranquilidade de antes. Os rapazes como forma de lazer jogavam futebol. Essa era uma prática frequente. As mudanças ocorreram principalmente no tratamento da água e na possibilidade de comunicação. Antes tinha que ir à Valadares para usar um telefone, mandar um telegrama ou enviar uma carta. Hoje não, todas essas facilidades já estão em Xonin.

Bate papo na cozinha da Rodriguina

Outra narrativa nos foi contada por uma senhora Rodriguina, de quase 100 anos, cujos pais vieram de Conceição do Mato Dentro e de Itabira. Ela chegou em Xonin na década de 1930, aos 6 ou 7 anos de idade quando havia poucos moradores; e, depois de casada foi morar, por pouco de tempo, na comunidade da Baixa do Bugre. A infância foi muito boa. Havia muitas brincadeiras saudáveis e divertidas. Lembrou-se de brincar nas ruas com outras crianças, mas mesmo ainda pequena precisou trabalhar para ajudar seus pais.

A situação era muito difícil, porque na cidade não tinha nada, não tinha trabalho, não tinha recurso nenhum, os homens que chegavam precisavam trabalhar em fazendas. Só tinha esse tipo de trabalho. Não tinha nem um mercadinho, apenas vendinhas que não vendiam quase nada, tudo era fora dali. As mulheres viviam de fazer biscoitos de goma, doces para ajudar em casa. O Distrito não tinha recursos. Era uma situação muito difícil.

Não havia assistência médica; era uma comadre orientando a outra; era a parteira mesmo que fazia os partos. Lembrou-se da extração da mica. A retirada da mica era considerada na época um trabalho diferenciado, por isso, muitos tinham a esperança de encontrar uma grande quantidade. Soube que também foram encontradas Turmalinas.

Naquela época não havia distinção entre evangélico ou católico, a maioria das pessoas ia a igreja católica para a missa. As

igrejas eram pequenas e bem simples e todos gostavam de ir à igreja aos domingos de manhã. Por fim, relata que é muito bom viver em um Distrito como Xonin, pois é um lugar tranquilo, muito pacato, onde tem bons relacionamentos com os vizinhos. Há pessoas muito boas e prestativas.

Tomando um café com o seu Afonso

Essa narrativa fala da vida de um senhor que nasceu no início da década de 1940, na fazenda do "Esgotão", em Xonin. Ele conta que teve uma vida pacata e com algumas dificuldades, como a de vários outros moradores. Seu maior sonho era o de poder brincar, festejar e namorar, mas seu sonho fora interrompido, por que, seu pai lhe dizia que, "essas coisas eram atitudes de vagabundo". Sua infância foi marcada por muito serviço. Desde pequeno seu pai o levava para trabalhar. Aos treze anos o pai lhe disse que a vida era trabalhar. Isso o abalou por toda vida. Ele nunca se esqueceu das palavras que o pai havia dito para ele, mas pensava que um dia poderia voltar a brincar. Mesmo casado, seu passatempo preferido era jogar bola. Ele não tinha muito tempo, pois necessitava de trabalhar para sustentar sua família, usava o tempo que lhe restava no final do dia para se divertir.

Seu pai chegou à fazenda "Esgotão" em Xonin, em busca de novas terras, onde houvesse desafio, pois queria começar tudo de novo, entrar mata a dentro e fazer um "rancho", desmatando para cultivar. As circunstâncias encontradas em Xonin eram muito complicadas, havia brejo pra todo lado e sair só era possível nos lombos de burros. Quando do casamento,

para a compra dos utensílios para colocar na sua casa o seu pai teve que se deslocar até Governador Valadares. A viagem foi feita a pé, sendo gastos dois dias de caminhada, pois era necessário dormir na cidade, além disso, o cansaço e o desgaste não davam condições para voltar. Ele trabalhou como vaqueiro durante 30 anos. Após um acidente passou a trabalhar como pedreiro.

Considerou que se fosse comparar o Xonin em que vive hoje e o Xonin de quando era jovem destacaria muitas mudanças. Uma dessas mudanças é o asfaltamento da estrada que dá acesso a Governador Valadares, facilitando o acesso aos variados tipos de comércio, especialmente o de alimentos.

Seu Nilo recebe a gente em frente à sua casa

Nascido em Xonin, na década de 1930, de uma família humilde seu Nilo, como é conhecido, contou-nos que o seu pai foi lavrador a vida toda, plantando milho, feijão e arroz. Ele cresceu em um tempo muito bom, onde a terra era muito fértil, dava de tudo. Chovia muito, o tempo era bom, colhia-se muito arroz, feijão, tanto que os moradores mais recentes não conseguem nem acreditar que essa região agora tão seca possuía solo tão fértil. Os valores também eram outros, especialmente o sentido de família e o respeito eram diferentes.

Ele sempre trabalhou durante a infância. O tempo para brincar era pouco, mas apesar disso quando os primos se reuniam era sempre muito bom; havia muita união. No seu tempo as crianças não tinham muita liberdade. As mães tinham muito controle

sobre seus filhos, mas mesmo assim as crianças jogavam bola, andavam de bicicleta. Depois de toda brincadeira as crianças tinham que tomar um banho, o que não acontecia sempre, pois os banhos não eram frequentes. Todos tinham uma vida simples, mas não havia brigas, até por medo dos irmãos mais velhos que tinham o dever de corrigir os mais novos, sem nem precisar comunicar aos pais antes. Apesar de todos serem pobres, havia muita fartura de alimentos. Eles se reuniam sempre e cada um fazia algo para levar nos momentos de encontro. Era uma diversão quando a família que morava fora vinha para Xonin, vinham do Rio de Janeiro, São Paulo e Governador Valadares.

Uma das principais atividades dos jovens era ir à igreja, rezar o terço, todos eram muito religiosos. Os jovens em sua maioria não podiam passar das dezenove horas na rua, pois os pais não deixavam. Nos finais de semana brincavam muito, pois na segunda teriam que trabalhar. Os estudos foram feitos numa escola perto da sua casa aonde estudavam várias crianças do Xonin. As aulas eram à noite porque todos trabalhavam na roça durante o dia. Ele parou de estudar na quarta série. As coisas não mudaram muito na juventude, com pouca liberdade para sair e o trabalho continuava árduo. Aos 14 anos de idade teve sua carteira de trabalho assinada pela primeira vez como vaqueiro. Depois de dois anos, largou o trabalho de vaqueiro e se tornou lavrador, profissão essa que seguia até há pouco tempo. E mais tarde acabou se aposentando e parou de "trabalhar com a terra". Ele também teve um bar em sociedade com um cunhado. O bar era frequentado por pessoas de várias cidades próximas, como Marilac e Virgolândia. As vendas no comércio em Xonin eram em sua maioria fiadas, podendo algumas vezes ser também na caderneta. O Distrito

era bem movimentado no auge da extração de mica. As minas atraíram muitas pessoas fazendo o comércio expandir.

Depois de casado, teve 9 filhos (todos nascidos com a ajuda de parteiras), dos quais 7 morreram com febre amarela. Naquele tempo a saúde era muito precária, mesmo com o atendimento do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Eles, os da saúde pública, desenvolveram um ótimo serviço, mas os tempos foram difíceis e ficou a lembrança de dona Amorinha, que cuidava da saúde de todo mundo que precisasse.

O comércio já foi muito lucrativo, porém agora não cresce mais, as pessoas atualmente preferem comprar tudo fora. A política também nunca ajudou no desenvolvimento local e o asfalto existente foi através de muita luta.

Hermenelina: ouvindo histórias na calçada

Hermenelina nasceu no finalzinho da década de 1930, em Xonin e conta a história de sua vida de maneira saudosa e alegre. Emocionada, revela o amor dos pais e o trabalho que deu a eles por causa dos vários namorados e de uma gravidez ainda na adolescência. Abandonou a escola por causa de uma professora agressiva. Seus pais eram lavradores e trabalhavam arduamente para alimentar uma grande família. Ela relembrou das festas da igreja católica. Havia muita diversão, muita comida e forró. Hoje considera que essas festas já não tem o mesmo valor religioso e já não são tão divertidas como na sua juventude.

Trabalhou na lavoura e como doméstica. Contou que o Distrito recebeu energia elétrica apenas em 1971 e a água tratada a pouco tempo atrás; o transporte era feito no lombo de burros, os alimentos que se consumiam eram plantados pela própria família, e o excedente era trocado por outros alimentos, com outras famílias.

Hoje o cenário é outro, mas Xonin está se tornado um lugar violento, um local onde as drogas têm se alastrado, e com elas também a violência, o número de roubos também tem crescido. Apesar disso, ela se sente feliz em ter nascido e vivido nesse pequeno distrito do qual não pretende sair.

Venceslina prepara um café com torradas

Venceslina nasceu nesse Distrito no ano de 1944, onde criou seus filhos e vive até os dias de hoje. Ela a terceira das filhas mais novas e tem ainda cinco irmãos ainda vivos; teve uma infância marcada pelo trabalho, pela responsabilidade desde muito cedo e pela perda de uma irmã querida que morreu de forma trágica, algo que ainda hoje causa muita emoção.

Ela informa que a infância antigamente, era trabalhar e mais nada. Começou a trabalhar cedo. Perdeu a sua mãe quando ela com oito anos. Ela não era a mais velha, era a terceira. A sua irmã mais velha mora há muitos anos em São Paulo. Ela conta que então a sua irmã morreu, fiquei sendo a única, e a mais responsável, mesmo sendo a terceira. Tem um irmão que mora no Altinópolis, em Governador Valadares e este é o sexto; ela acabou ficando caçula com três anos a menos da irmão mais

velha; Esta se suicidou com 14 anos. Afirma que teve uma infância muito duvidosa, insegura, de muita luta de tala modo que nem chegou a estudar e o pai dela era tropeiro.

O pai dela que era tropeiro e foi um referencial de sua vida, já que com a perda muito cedo de sua mãe, ela ficou com a responsabilidade de criar toda a família e não foi uma tarefa fácil. O tropeiro, homem rígido permitiu que seus filhos pudessem estudar, mas estudar naquela época não era nada simples, era trabalhoso ter que ir à escola, e na escola não era tudo muito organizado como ainda não é em muitas das escolas de hoje, mas a vontade de aprender superava os sacrifícios diários de ter que ir até o "educandário" da época. Ela conta que ia para a escola a pé e quando chovia chegava toda molhada. Ela conta que era uma escola mista. O primeiro ano era separado, mas o segundo e o terceiro eram juntos. Foi assim que ela estudou na forma de uma luta; vinha todos os dias da escola a pé.

Saía da roça só para ir para a missa. Ela vê uma diferença grande entre o estudo de sua época e o atual: hoje é tudo ilustrado, no tempo dela tudo era decorado, tinha que guardar tudo na cabeça, tinha que decorar e as coisas tinham que ficar na cabeça. Tinha que decorar a Geografia e ficar com tudo na ponta da língua. A matéria tinha que praticar e além disso, tinha Português.

Ela afirma que os meninos de hoje não sabem nada; ela diz que vê os meninos no segundo grau que não sabem ler; os meninos de hoje são inteligentes, mas também são levados. Quando ela estudou tinha o quarto ano, mas em Xonin se tirava só diploma

Viveu sua juventude quando o Distrito de Xonin passava pelos tempos do auge de seu crescimento. O distrito era movimentado com uma festança que impressionava de tanta gente de tão movimentado que era. Havia até muita circulação de estrangeiros, era época de exploração da mica e de outros minerais; o comércio local impressionava com tanta riqueza que era gerada pela extração desse mineral. Esse mineral pôde ser conhecido de perto por Venceslina, já que seu esposo tinha uma reserva de mica em sua propriedade; ela pode acompanhar de perto a movimentação que acontecia por conta dessa riqueza.

Venceslina afirma que Xonin era muito movimentado. Hoje ela afirma que o movimento é mais de carros que passam o dia inteiro e levanta muita poeira. Mas ela pensa que tanta gente como tinha antigamente não tem mais não; com o comércio do minério de mica Xonin chegou a ter quatro "oficina" de corte. Próximo da casa o marido dela havia uma fazenda que tinha uma cava de mica e de pedras preciosas. Ela conta que normalmente as minas de mica eram na serra. Naquelas serras se tirava pedras com turmalina. Ao mesmo tempo conta que ali trabalhava muita gente. Ela conta ainda que quando casou o pai dela deixou ela como uma "moça de boa condição". Quanto ela casou o marido dela vendeu a sua parte da fazenda que tinha setenta alqueires e muita lavra; lá se produzia muita mica e muitas pedras preciosas. Segundo ela, era muita gente. O marido dela vendeu então a fazenda. Ela conta que até hoje tem gente ali trabalhando para tirar pedras preciosas e cristal. Ela conta que se encontra ainda hoje turmalinas muito bonitas, água marinha, azul, tem também a colibita, e também uma pedra preta e uma pedra pesada. Estas pedras valiam muito dinheiro. Tudo isso movimentava muito Xonin na época. Ela

Lembra que ao redor de Xonin havia quatro lugares o Jacó, tinha a Golconda, o Casimiro, o Egídio. Ali tinha muita gente mesmo, segundo ela.

Venceslina afirma que a vida no Distrito não era muito fácil, nem energia elétrica tinha nessa localidade; nem assim ela deixou de criar todos os filhos no Distrito. Claro que hoje cada um de seus filhos foi para outros rumos, cada um foi viver sua vida da maneira que cada um quis, deixando dona Venceslina morando só no distrito. Ela afirma ainda: como era difícil a vida em outras épocas!

A saúde era complicada, não havia médicos; eram os farmacêuticos que cuidavam da saúde do povo todo: eram eles que medicavam, faziam remédios e davam assistência aos moradores. Isso era assim uma vez que não se tinha um sistema de saúde que atendesse a população local. Isso só foi resolvido com a chegada do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Para ela, só assim as coisas melhoraram nessa área.

Dona Venceslina hoje é uma simples professora aposentada, que dedicou anos de vida à educação em sua terra apesar de todas as dificuldades. Mas essas foram enfrentadas e assim ela conseguiu fazer parte da história do Distrito, sendo hoje a professora mais antiga que ainda reside naquela localidade.

Rodrigo conta sua história no seu sofá preferido

Rodrigo tem 80 anos, e nasceu em dezembro de 1939; seus pais eram de Peçanha e de Xonin; como muita gente daqui, se conheceram em Xonin e se casaram aqui mesmo; Sendo que seu pai já havia sido casado com a irmã de sua atual esposa, mas ela morreu durante o parto com o filho que gestava; depois de um tempo o pai do Rodrigo se casou com a sua cunhada.

Com relação a sua infância Rodrigo se lembra de quase tudo desde quando ele começou a trabalhar com o pai no engenho fazendo rapadura; nas horas vagas ele fazia e brincava de carrinho. Desde pequeno ele trabalhou e depois de grande começou a trabalhar por conta própria. Com o passar do tempo, foi trabalhar "fichado" em firma, onde trabalhou por 30 anos em seis firmas diferentes e se aposentou trabalhando na semove pela prefeitura.

Rodrigo estudou até a 4ª série do primário e lembra que suas primeiras professoras foram a Flora, Lélia e Emília; ele disse que um conhecido dele disse que teria visto a professora Emília em São José do Tronqueira; ele se lembra de ter estudado na escola Geografia, História e Ciências e que depois de ter sofrido um AVC ele se esqueceu de bastante coisa, mas mesmo assim se lembra de ter estudado em História, quando D. Pedro descobriu o Brasil (sic), do primeiro padre que veio para o Brasil que foi Henrique de Coimbra e dos bandeirantes.

Depois que seu pai vendeu a terra Rodrigo saiu para trabalhar

fora; trabalhou em Vitória, em Ouro Preto. Ele vinha visitar a família em Xonin de 15 em 15 dias. Ele conta que o trabalho fora de Xonin não deu certo e ele retornou para Xonin e foi trabalhar numa firma.

Rodrigão conta que quando saia para trabalhar fora deixava a "venda aberta" para que sua esposa comprasse o que necessitava para a alimentação da família: arroz, feijão, macarrão, sal, milho para pipoca etc. O dono da venda anotava em uma caderneta e quando ele chegava ia lá na venda e pagava.

A esposa de Rodrigão, a Delfina, conta que teve 15 filhos e que quando Rodrigão saiu para trabalhar fora o filho maior estava com dez anos e ela cuidava de todos eles sozinha e que quando o Rodrigão chegava ele ajudava a cuidar os filhos.

Os seus filhos estudaram até a 8ª série, pois em Xonin não tinha extensão; algumas de suas filhas fizeram faculdade, mas eles não lembram de que elas já faleceram.

Em 1965 Rodrigão adoeceu com um bacilo pulmonar e foi se tratar em Belo Horizonte; nessa época ele era "fichado" em uma empreiteira da vale do Rio Doce; ele ganhou um ano de repouso para fazer o tratamento. Em Xonin muitas pessoas morriam por falta de tratamento, pois em Xonin não tinha médico e o tratamento era caro e nem todos podiam pagar, o Rodrigão teve a facilidade no tratamento pois ele trabalhava registrado.

Segundo Rodrigão a vida em Xonin era e é difícil economicamente falando, pois o Distrito não oferece emprego

para a população, e por esse motivo a maioria da população, que tem alguma renda em Xonin é de aposentados. Rodrigão é religioso, católico e não acredita em benzeção.

Quando o Rodrigão se mudou da lavra para o Xonin ele mudou-se para um barraquinho de tabuinha, com chão de barro batido; era uma casa pequena e todos os meninos dormiam em uma cama de casal e as meninas em uma de solteiro, a casa só tinha dois quartos.

Ele conta que no passado ele tinha vontade de ter comido carne todos os dias, mas não comeu, pois não tinha condições financeiras para isso. A alimentação da família era basicamente arroz, feijão, ovos e de vez em quando frango, pois Delfina criava galinhas e possuíam fartura de avos e frango; seus filhos eram saudáveis e nunca precisaram de ir há hospital.

Naquela época não tinha abastecimento de água, sendo que a água era retirada do poço com latas e baldes; não havia sanitários, sendo que as necessidades eram feitas no mato; o banho era tomado em bacia e de baldes; a iluminação era feita por lamparinas à querosene; as estradas eram de terra, não tinha asfalto etc.

O Xonin na época de juventude do Rodrigão era bastante violento, sendo a "coreia" o local onde ocorria a maioria dos assassinatos e brigas; ali era um bordel. Rodrigão falou que gostava de lidar com política, mas por conta da safadeza dos políticos há mais de 15 anos ele não participa mais.

Rodrigão fala que mudou muita coisa no Xonin; colocaram energia elétrica, abastecimento de água, mas ele falou que todos os dias falta água nas torneiras; asfaltaram a estrada ligando Xonin a Marilac houve muitas mudanças no Xonin, mas isso enfraqueceu o comércio local, pois agora tem ônibus 4 ou 5 vezes por dia para Valadares.

Epitacina nos dá uma aula sobre Xonin

A professora Epitacina é nascida e criada em Xonin; por ter trabalhado na área da educação, traz em sua fala, um ponto de vista interessante sobre o Distrito. Conta ela, que não só nasceu aqui, mas estudou até onde a escola pública permitia: o segundo ano primário. A escola só possuía duas salas de aula e as professoras, por boa memória eram Maria Bruno de Jesus e a outra Dona Florinda Maria de Jesus. Dali, passou a estudar em um ginásio particular no Distrito, para chegar à 4ª série e conquistar o tão sonhado Diploma, em provas que eram realizadas em Governador Valadares, na Escola Estadual Nelson de Sena.

Vinda de uma família de nove irmãos, não era nem a mais velha, nem a caçula; todos moravam em Xonin quando crianças, mas hoje apenas um irmão mora ali.

Seu relato norteadado pela educação traz, por exemplo, a informação segundo a qual os filhos de fazendeiros da região, em sua época, para se formarem no segundo grau, eram enviados a Peçanha, onde havia um ginásio bem como um colégio interno.

Para ela, chegar à 4ª série, era ser uma "privilegiada" e também devido a fazer parte de uma família de muita influência em Xonin, os Fernandes. Este aspecto, além de ter auxiliado em sua educação, indicou-a para ser professora na mesma escola em que havia formado. Foi assim que começou a gostar de lecionar.

Casou-se por ali mesmo e seu marido possuía uma oficina de mica. Treze anos depois de casados saíram de Xonin e mudaram para Governador Valadares, onde ambos iriam estudar.

A professora então inicia seu curso de magistério na cidade e começa a trabalhar na então Delegacia Regional dos sindicatos o que hoje se conhece como Superintendência Regional. Ali, como datilógrafa, fazia o que lhe era designado pela delegacia. Pouco tempo depois mudou-se para Belo Horizonte, buscando o diploma superior e ao conquistá-lo, retorna para Xonin a fim de ser diretora escolar que segundo ela, depois de se formar em Pedagogia, para o Estado, havia um compromisso com o educador formado de que este voltaria para sua terra natal, a fim de lecionar.

Quando Epitacina volta para Xonin, anos depois, diz ter sentido uma diferença estrutural enorme: a escola possuía biblioteca, laboratórios e as turmas iam até a 8ª série. Ali ela se aposentou no cargo de Diretora. Depois fez concurso para supervisão, passou e se tornou supervisora em Marilac, uma cidade um pouco depois de Xonin, um ano depois voltou para Governador Valadares para o cargo de supervisão na escola Abílio Rodrigues Patto onde também se aposentou em seu segundo cargo depois de 24 anos de trabalho por lá.

Professora Epitacina então, contabiliza 48 anos de trabalho para o Estado e 50 anos de casado, data que foi comemorada em janeiro de 2014. Para ela, a educação sempre foi um caminho muito difícil a trilhar. Analisando o momento presente quanto ao aspecto da indisciplina adolescente ela aponta a tecnologia como um estopim. Diz que os alunos possuem mais autonomia, têm coragem de dizer e enfrentar os professores e que seus conhecimentos gerais são aprendidos fora da escola e dá conselhos para futuros professores: tenham paciência e sabedoria para lecionar.

Xonin, para Epitacina, só traz boas memórias tanto das responsabilidades que aprendeu a ter ali, quanto da família e dos valores que foi adquirindo. Até hoje, ela volta para rever amigos, aos domingos almoça na casa do irmão; está sempre presente nas festividades religiosas, da escola e da comunidade. Entende a educação como o principal caminho do sucesso que obteve.

Arthur conta sua história sentado na varanda

Arthur é natural de Divinópolis, onde nasceu em 14 de dezembro de 1921, conta hoje com 99 anos de idade. Seus pais tiveram nove filhos, oito morreram ficando vivo somente o Arthur. Ele veio com os pais para o Xonin ainda criança. Vieram à procura de melhores condições de vida; eram agricultores que trabalhavam como meeiros, mais tarde adquiriram uma porção de terras; o pai dele além de trabalhar a terra era também carpinteiro e garimpeiro, profissões estas que exercia e ensinou ao filho. A mãe era doméstica o pai se ausentava muito de casa à procura de trabalho e ele ficava só com a mãe e uma irmã

Trabalhou como garimpeiro na lavra de turmalina do Golconda; tirou pedras que deu para comprar uma fazenda e construir uma boa casa onde mora atualmente com a filha, pois fazia apenas três meses na ocasião da entrevista que sua esposa havia falecido; de acordo com as filhas por um erro na aplicação de um medicamento injetável. Contaram que ela se internou para um tratamento e que estava bem, foi ao banheiro e quando voltou assim que tomou a injeção ela ficou muito aflita e morreu imediatamente.

Conheceu sua esposa no Golconda e logo a pediu em casamento; sobre a festa de casamento, disse naquela época não existir; ninguém dava importância a isso. Os filhos nasceram dois no Golconda e os outros no Xonin. Hoje em dia os filhos estão espalhados, alguns moram no Xonin, outros em Governador Valadares e também no Espírito Santo e São Paulo. Aos vinte e sete anos se converteu e pertence à Igreja Presbiteriana do Brasil

No Xonin antigo, segundo ele, água só no córrego; para lavar as roupas, tomar banho e cozinhar só no riacho. Não tinha nenhum tratamento médico, nem posto de saúde; o tratamento era chá caseiro, benzedura e morte; morria muita gente principalmente crianças, pois elas eram mais fracas; adulto também morria muito. Morriam tantas pessoas no Xonin, que não se dava conta de fazer caixões e elas eram enterradas nas cobertas ou, levadas para o cemitério nas cobertas, e depois os carregadores voltavam com as mesmas para levar outro e mais outro. E esses carregadores fediam. Segundo Arthur, carne humana podre fede muito; ele conta que um dia estava na venda quando eles uns carregadores entraram e não suportei o mau cheiro que vinha deles. A febre era tanta que as pessoas

saíam correndo para o mato e por lá morriam eram encontradas depois de algum tempo; o cemitério era distante, até chegar lá, na cobertura o mau cheiro passava para os carregadores. Tratamento não tinha e para quem possuía recursos a solução era tratar em Governador Valadares; para os outros mais pobres, era impossível. O transporte era a pé ou a cavalo, não tinha estradas adequadas e levava dias para chegar lá, bicicleta era para quem possuía dinheiro, carro era muito caro.

O Xonin de hoje é uma beleza tem estrada asfaltada, ônibus na porta, posto de saúde, telefone, energia elétrica, televisão, ruas asfaltadas, água tratada nas torneiras, boa parte dos moradores tem carro, já não morre mais tanta gente. Mas existe muito roubo o que não existia antes. Nunca sai do Xonin e gosto de viver aqui.

Washington conta suas histórias dramáticas

Os relatos que as pessoas podem nos dar nos dar sobre um mesmo fato podem ser muito variados. A história, seja ela de vida ou um documentário, é uma roda viva que não pode parar. E para dar mais um impulso à compreensão da história e das histórias de Xonin, vamos ouvir Washington, que já está com mais de 65 anos e que reside no Distrito de Xonin.

Os seus pais saíram de Marilac buscando melhorias; tinha ouvido as pessoas comentando sobre um pequeno lugarejo próximo, resolvem tentar sorte em novas terras, assim chegam a Xonin. Ali tiveram vinte e dois filhos. Esta localidade estava passando

por um processo de exploração de um mineral que foi de fundamental importância para a história, não só da região, mas do Brasil na Segunda Guerra Mundial: este mineral era chamado de mica.

Embora a econômica local girasse em torno deste mineral, Washington conta que toda a família vivia do cultivo das lavouras; relata também que as dificuldades eram muitas, como por exemplo, doenças eram muito comuns como febre amarela, malária e a falta de médicos; a parte da saúde "davam um jeito" os farmacêuticos e benzedadeiras. Além do mais, os direitos básicos não eram assegurados como, esgoto tratado, água encanada, iluminação pública e sem falar nas estradas, que cada vez mais estavam se acabando principalmente na época de chuva.

Quando relata sobre estas dificuldades, relembra do tempo da escola, onde faz uma comparação dos estudos atuais citando que na época que estudava o "ensino" era mais prático e que hoje o ensino é mais teórico. É notório um saudosismo presente em suas recordações, principalmente quando fala sobre seus vinte e dois irmãos, lamentando a morte de alguns e relatando que possui irmão espalhados pelo mundo, citando que tem um irmão que mora na França e outro em Portugal.

Mesmo tendo completado o ensino regular na época, Washington trabalhou na lavoura, de onde tirou o sustento da família até completar dezanove anos idade; foi então que saiu de casa em busca de uma oportunidade e assim chegou a Governador Valadares(MG), onde aos vinte anos se incorpora as Forças Militares do Estado; depois disso, regressa à cidade em que seus pais residem, zelando assim pela segurança de sua comunidade.

Por esta ocasião conhece Julieta com quem vem a se casar e ter quatro filhos.

Segundo Washington, o progresso vai chegando aos poucos, a política vai modificando o lugar, a forma com que as pessoas vêm às coisas vai mudando, e que em vista do que os primeiros habitantes passaram, hoje em dia é uma facilidade muito grande; hoje os moradores são bem assistidos, na medida do possível, e é de suma importância que os atuais moradores tenham noção da importância deste pequeno Distrito mineiro, localizado no leste de Minas Gerais.

Getulina e a sua fala mansa de peregrina

Para Getulina, as lembranças de sua vida em Xonin, não são de todo ruim, apesar de sofridas. Nasceu em São José do Jacuri, esta simpática senhora morou em algumas cidades em sua infância antes de se mudar para o distrito de Xonin. Segundo ela, com poucos anos de idade, já havia morado em Mãe dos Homens do Maranhão, Governador Valadares e Nacip Raydan. De família grande - nove irmãos -, hoje diz estarem vivos apenas três. Não estudou além do primário em sua infância e quando chegou enfim de Xonin, permaneceu por aqui por 30 anos.

Entre os anos 1963 e 1964 acabou se mudando de uma roça para o Distrito e foi ali que se casou. Sem citar o nome do marido, Getulina conta que teve 10 filhos, sendo que 5 destes não nasceram em Xonin. Ali, conta, que o seu filho mais velho, com 19 anos, teve meningite o que lhe causou a surdez completa. Saía de Xonin, às 7 horas da manhã, em direção a

Governador Valadares, onde só chegava às 13 horas, por causa das péssimas estradas sem condições de tráfego. Como dona de pensão que era, cuidou dos filhos sozinha, pois o marido, que segundo ela era alcoólatra e vivia em um bordel do lugarejo; ele acabou morrendo aos 42 anos. Por isso, a pensão de onde tirava toda renda da família, era cuidada pela família mesmo e nunca teve empregados por lá.

Sua pensão atendia muitas pessoas que passavam por ali. Por ser a única de Xonin a ter uma pensão, então o trabalho era muito. Conta que carregava sacos de farinha pesados no ombro, fazia a comida que era famosa por lá, atendia gente importante como funcionários da CEMIG e até um antigo ex-prefeito de Governador Valadares, Ronaldo Perin. Não lhe faltava dinheiro ali, mas isto não era evidente para a vizinhança e outros moradores do distrito. Lembra dos caminhões que passavam e atolavam por causa da estrada ruim, os carros de bois que auxiliavam em desatolar estes caminhões em época de chuva e nestas épocas, a pensão sempre atendia todos esses trabalhadores.

As reclamações surgem quando Getulina se lembra de alguns moradores e especificamente de um, que segundo ela, a perseguia. Para ela, o fato de ser viúva, ter uma fonte de renda que sustentava toda a família que era grande, incomodava bastante algumas pessoas. Outro ponto que aparece algumas vezes, fora a perda de um filho para as drogas, assunto sobre o qual não quis se aprofundar.

Xonin aparece na memória de Getulina como um tempo muito bom. Ali, segundo ela, durante 30 anos, trabalhou para

sustentar a família e dar condições aos filhos de estudarem. Alguns com curso superior estão morando em Governador Valadares e cuidam dela; outros foram moram nos EUA. Hoje, comenta tudo que conquistou através de seu trabalho e dos filhos pela a educação que deu a eles e pelo trabalho suado na pensão em Xonin. Mostra com orgulho a casa de três andares em que mora; o luxo da cozinha, da área da piscina, dos imóveis espalhados pela cidade; mostra como a prosperidade acompanhou tantos os filhos, quanto os netos. Sempre deixando claro nas suas falas que o dinheiro nunca foi o mais importante para ela e sim a sabedoria de vida onde não trocaria um diploma de um curso superior pelo aprendizado que obteve ao longo de sua caminhada.

A saudade aparece quando fala sobre a família enorme que mora nos EUA. Getulina conta que possui mais de 20 netos e bisnetos no exterior e, pela casa a fora, mostra as fotografias penduradas na parede, nas estantes, nos quartos e salas. Para ela a vida lhe foi ótima por ter reservado todo o conforto de viver como vive e ser bem cuidada pelos filhos já que sua saúde, devido à vida que levou de trabalho pesado segundo ela, não está mais tão boa. Problemas como água no coração, vértebras inflamadas, são citados, mas não apontados como resultado final de sua jornada.

Dona Getulina, quando se despede na sacada de sua casa, deixa claro sua satisfação em ter contribuído com suas memórias para os 90 anos de história de Xonin, mesmo, segundo ela, não tendo muita coisa para contar.

X X X X X X

Mestrado Gestão Integrada do Território/UNIVALE
Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura

Cursos de Graduação Arquitetura e
Urbanismo/Design Gráfico

Financiamento: FAPEMIG/UNIVALE

